



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

MARINA GOMES TIMM

**SEM LUGAR NA FILOSOFIA:  
AS MULHERES NA FORMAÇÃO FILOSÓFICA, HISTÓRIA E CURRÍCULO**

Brasília  
2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

MARINA GOMES TIMM

**SEM LUGAR NA FILOSOFIA: AS MULHERES NA FORMAÇÃO  
FILOSÓFICA, HISTÓRIA E CURRÍCULO**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Bacharela em Filosofia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Miriam Wuensch.

Brasília  
2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gs Gomes Timm, Marina  
SEM LUGAR NA FILOSOFIA: AS MULHERES NA FORMAÇÃO  
FILOSÓFICA, HISTÓRIA E CURRÍCULO / Marina Gomes Timm;  
orientador Ana Miriam Wuensch. -- Brasília, 2020.  
74 p.

Monografia (Graduação - Filosofia) -- Universidade de  
Brasília, 2020.

1. Filosofia. 2. Mulheres na filosofia. 3. Tradição. 4.  
Modernidade. 5. Currículo. I. Wuensch, Ana Miriam, orient.  
II. Título.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

MARINA GOMES TIMM

**SEM LUGAR NA FILOSOFIA: AS MULHERES NA FORMAÇÃO  
FILOSÓFICA, HISTÓRIA E CURRÍCULO**

Monografia apresentada ao Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília como requisito obrigatório para obtenção de título de Bacharela em Filosofia.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Miriam Wuensch.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Dr.<sup>a</sup> Ana Miriam Wuensch (Orientadora)  
Departamento de Filosofia - Universidade de Brasília

---

Me. Elzahrã Radwan Omar Osman (Examinadora)  
PPGFil - UnB

---

Me. Megue Magalhães de Andrade (Examinadora)  
PPG Metafísica - UnB

---

Dr. Pedro Erinaldo Gontijo (Examinador)  
Departamento de Filosofia - UnB

Brasília  
2020

**ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA – 2020/1**

**Título:** Sem lugar na filosofia: reflexões sobre as mulheres na formação filosófica, história e currículo

**Autor (a) / Matrícula:** Marina Gomes Timm - 15/0072911

**Orientador (a):** Profª Drª. Ana Miriam Wuensch

**Data da Defesa:** 19/12/2020

**Horário:** 10h30

**Após a argüição, a Banca deliberou:**

**Pela aprovação da Monografia com menção SS**

**Pela reprovação da Monografia com menção \_\_\_\_\_**

**Observações:**

---

---

---

**Orientador:** Profª Drª. Ana Miriam Wuensch

---

**Membro: Prof.Dr.** Prof. Dr. Pedro Ergnaldo Gontijo

---

**Membro:**Profª Me. Megue Magalhães de Andrade

---

**Membro:**Me. Elzahrã Mohamed Radwan Omar Osman



Documento assinado eletronicamente por **Ana Miriam Wuensch, Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas**, em 22/12/2020, às 07:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Erginaldo Gonjo, Professor(a) de Magistério Superior do Departamento de Filosofia do Instituto de Ciências Humanas**, em 22/12/2020, às 10:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Elzahrã Mohamed Radwan Omar Osman, Usuário Externo**, em 22/12/2020, às 12:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



Documento assinado eletronicamente por **Megue Magalhães de Andrade, Usuário Externo**, em 22/12/2020, às 13:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento na Instrução da Reitoria 0003/2016 da Universidade de Brasília.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unb.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.unb.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **6099679** e o código CRC **BC0DBF44**.

Referência: Processo nº 23106.132018/2020-49 SEI nº 6099679

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família e aos meus amigos pelo apoio de diversas naturezas, que contribuiu para a realização da minha graduação em Filosofia e deste Trabalho de Conclusão.

Agradeço ao grupo de colegas orientandas em Projeto e Monografia Filosófica ao longo do ano de 2020, “Entre deusas e ciborgues”, pelo caminhar conjunto e o dar das mãos diante das dificuldades que encontramos para manter nossa vida acadêmica ao longo da pandemia da COVID-19.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora Ana Miriam Wuensch pelo seu acolhimento, dedicação e orientação. Mulher sábia, inspiração para muitas e muitos, e minha filósofa preferida.

Agradeço aos membros da comissão examinadora Elzahrã Osman, Megue de Andrade e Pedro Gontijo pela disponibilidade e aceite em participar e contribuir com o trabalho apresentado.

## RESUMO

Partindo do incômodo da ausência de filósofas nas ementas das disciplinas do curso de Filosofia da Universidade de Brasília, surge esse trabalho que, num primeiro momento, busca apresentar narrativas históricas e contextos sociais sobre os quais a Filosofia se apoia, e que difamam e marginalizam as mulheres intelectuais, fazendo com que sejam ignoradas por essa área do conhecimento. Em um segundo momento, discorremos sobre a ausência das mulheres e suas obras nos currículos dos cursos de Filosofia. Vislumbramos a quebra do círculo vicioso que mantém a ignorância em relação à produção intelectual das mulheres, jogando luz sobre esse fato e expondo as bases que apoiam esse currículo e sua prática pedagógica na formação de gerações. Nos últimos 40 anos, verificamos um empenho para oferecer novas narrativas da história da filosofia com mulheres; e as poucas que atualmente encontramos indicadas nas Referências de algumas ementas de disciplinas obrigatórias só mostram que a exceção confirma a regra; ainda seguimos currículos filosóficos androcêntricos sustentados por um discurso masculino, marcadamente moderno, que mantém o apagamento de filósofas em modo de reprodução acrítica.

**Palavras-chave:** Filosofia, mulheres filósofas, tradição, modernidade, currículo.



## **ABSTRACT**

Starting from the discomfort of the absence of philosophers in the syllabus of the subjects of the Philosophy course at the University of Brasilia, this work arises that, at first, seeks to present historical narratives and social contexts on which Philosophy is based, and which defame and marginalize intellectual women, causing them to be ignored by this area of knowledge. In a second step, we discuss the absence of women and their works in the curricula of Philosophy courses. We envision the breaking of the vicious circle that maintains ignorance in relation to the intellectual production of women, shedding light on this fact and exposing the bases that support this curriculum and its pedagogical teaching practice in the formation of generations. In the last 40 years we have seen a commitment to offer new narratives of the history of philosophy with women; and the few women we currently meet indicated in the References of some menus of mandatory subjects only show that the exception confirms the rule; we still follow androcentric philosophical curricula supported by a masculine discourse, markedly modern, which keeps the erasure of philosophers in uncritical reproduction mode.

**Key words:** Philosophy, women philosophers, tradition, modernity, curriculum.

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b>	6
<b>RESUMO</b>	7
<b>Introdução</b>	11
<b>Lado A - Cadê as mulheres que estão aqui?</b>	14
<b>Faixa 1 - A questão social e o discurso sobre a mulher: patriarcado e misoginia</b>	
<b>Faixa 2 - O surgimento da filosofia</b>	
<b>Faixa 3 – Da origem para o estabelecimento do cânone moderno</b>	
<b>Lado B - Sobre filosofia, currículo e mulheres</b>	31
<b>Conclusão</b>	43
<b>Referências</b>	45
<b>ANEXO</b>	48

## Introdução

Filosofia é meu segundo curso de graduação na UnB, já que meu primeiro foi Pedagogia. Ao ingressar no curso, alguns fatos me saltaram aos olhos. A primeira foi a presença majoritária de colegas homens e a segunda foi a ausência de pensadoras nas bibliografias das disciplinas do curso.

No verão de 2016, cheia de esperanças, me matriculei e cursei a matéria Filosofia e Feminismo, ministrada pela professora Ana Miriam Wuensch. Todo um mundo novo se abriu para mim. Lembro-me claramente da primeira aula, quando a professora pediu que os estudantes da turma (de diversas graduações da UnB) citassem nomes de mulheres pensadoras, pesquisadoras e intelectuais. Ao final desse exercício, o quadro estava lotado de nomes de mulheres. Isso foi uma surpresa para mim, que mal e mal conhecia Hannah Arendt.

O curso de Filosofia e Feminismo terminou com a produção de um trabalho escrito sobre tema livre e correlacionado à proposta da disciplina. Meu trabalho foi intitulado de “Excluídas da Filosofia: Reflexões Sobre a Tradição Filosófica e a Sociedade da Grécia Antiga – Entre a Misoginia e a Transgressão”, e procurou explorar o fato de que as mulheres não se faziam presentes na Filosofia que eu tinha aprendido até então, buscando relacionar entre si alguns aspectos da constituição do patriarcado, da misoginia e da sociedade da Grécia Antiga. A realização desse trabalho foi muito satisfatória para mim, pois me propus a compreender os processos de silenciamento das mulheres, à época tratados pelo termo “exclusão”, assim como houve um diálogo com obras de mulheres brasileiras.

O trabalho mencionado foi motor de muito do que veio a seguir no meu percurso de formação filosófica. A disciplina mencionada, somada a outra intitulada Filosofia na América Latina, me inspiraram a realizar o Programa de Iniciação Científica (Edital 2016) sob a orientação da Professora Doutora Patrícia Lima Martins Pederiva (Faculdade de Educação - UnB), com a apresentação do plano de trabalho: “Os estudos decoloniais e as práticas educativas de música: sobre a escolarização da atividade musical”. Esse trabalho procurou explicitar por que uma

determinada forma de educação musical se consolidou - a educação de conservatório -, discorrendo sobre a modernidade e colonialidade de maneira a mostrar a influência desse contexto histórico-cultural e político na legitimação dessa forma hegemônica de pensar e fazer a educação musical. Expondo as relações entre educação e política, com o intuito de apresentar a reflexão decorrente dessas associações e seus possíveis impactos na atividade musical, pude compreender como uma tradição se consolida em detrimento de outras.

É importante ressaltar aqui que uma autora foi fundamental para a compreensão dos processos expostos, tanto no trabalho de Filosofia e Feminismo, quanto no trabalho do Programa de Iniciação Científica: Elzahrã Radwan Omar Osman, principalmente no que concerne ao seu trabalho “Retóricas de descolonização do pensamento: projeto epistêmico islâmico-feminista contra a colonialidade do saber” (2015), que também foi referência para o presente trabalho.

Segui meu caminho pelo curso de Filosofia e me deparei com mais autores e temáticas que pareciam conversar com os assuntos explorados inicialmente no trabalho de Filosofia e Feminismo, como: crítica da modernidade, decolonialidade, marxismo, feminismo, relações entre mito e filosofia etc. Embora esses encontros tenham sido muito interessantes, a ausência das mulheres filósofas ainda era fato e incômodo diário.

Sendo assim, percebendo a necessidade de desvelar o processo de ocultamento das mulheres na filosofia, o trabalho atual se propõe a refletir sobre a ignorância que paira na Filosofia enquanto área do conhecimento, de maneira a compreender as causas do silenciamento, da desvalorização e da marginalização das mulheres pensadoras em todas as áreas de investigação filosófica, questionando a tradição de seu ensino e entendendo a necessidade de revisão dessa tradição.

Este trabalho monográfico se divide em duas partes: Lado A e Lado B. O Lado A, intitulado “Cadê as mulheres que estão aqui?”, distribuído em três faixas, discorre sobre questões históricas e sociais que concernem às mulheres, apontando as narrativas históricas e as bases sociais sobre as quais a filosofia se

ancora. Para tanto, atravessamos questões como a constituição do patriarcado e da misoginia, desenvolvidos na cultura ocidental, além de tópicos que envolvem o surgimento da filosofia e o estabelecimento do cânone. Trouxemos para a conversa autoras como Rose Marie Muraro (2009), Maria José Lopes (2012), Elzahrã Osman (2015), Hannah Arendt (2020) e Silvia Federici (2017), dentre outros pensadores.

O Lado B, intitulado “Sobre filosofia, currículo e mulheres”, sublinha e discute o fato que, ainda em 2020, as ementas e programas de componentes curriculares obrigatórios dos cursos de Filosofia continuam ignorando mulheres intelectuais de todas as épocas, apoiados no esforço moderno de ocultamento e silenciamento de suas existências filosóficas. Para tanto, analisamos a bibliografias das ementas das disciplinas obrigatórias da Universidade de Brasília e dialogamos, principalmente, com a pesquisa de Megue Magalhães de Andrade e Pedro Erginaldo Gontijo, intitulada “Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade” (2020), fruto da dissertação de mestrado de Megue, denominada *CORPOS À MARGEM E O ETHOS FILOSÓFICO: Para pensar gênero e a filosofia* (2017), que fez um esforço ainda maior de análise de programas de curso de 15 universidades públicas brasileiras e apresenta resultados entristecedores, mas iluminam uma persistente formação filosófica sem mulheres.

## LADO A - CADÊ AS MULHERES QUE ESTÃO AQUI?

(A mal contada história das mulheres)

*Proponho, para começar esta reflexão, um exercício simples, que pode ser feito por qualquer um de nós, professor(a) ou estudante de um curso de graduação em Filosofia. Com o currículo do curso em mãos, acompanhando as respectivas ementas e bibliografia das modalidades de ensino adotadas (disciplinas, seminários, projetos, etc.), comecemos pelas histórias da Filosofia. Onde estão as pensadoras da antiguidade, da Idade Média, da modernidade e da contemporaneidade? Verifiquemos as obras de referência (histórias da filosofia, antologias de autores clássicos, dicionários de filosofia, etc.) e procuremos aí por autoras. Qual é o saldo? Procuremos também nas demais disciplinas, aquelas muitas vezes oferecidas também para outros cursos na universidade, como Introdução à Filosofia e Lógica, e outras específicas, como Metafísica, Filosofia da Linguagem, Estética, Ética e Política. Encontramos alguma coisa, alguma exceção? Talvez seja isso tudo o que temos atualmente: exceções. Exceções costumam confirmar uma regra (...).*

**Ana Miriam Wuensch** - *Sobre as mulheres, pensadoras e currículos de filosofia* (2005)

Difícilmente são apresentadas mulheres e seu pensamentos em um curso de graduação em Filosofia. Não fiz exatamente esse exercício proposto na epígrafe por Wuensch (2005), mas vivenciei essa realidade cursando Filosofia na Universidade de Brasília.

Perguntamos pelas mulheres nas ementas, bibliografias e efetivos estudos de suas obras na graduação em Filosofia. O que encontramos é o ensino da Filosofia como uma tradição com elementos bem estabelecidos. Nos espaços de aprendizagem formal, é transmitida uma ideia de Filosofia como já dada. Na universidade, observamos que as ementas das disciplinas apresentam certo padrão de filósofos a serem estudados. No caminho do curso, seguimos um cânone formado pelos filósofos considerados “grandes” (arcãos maiores) na história da filosofia: Tales de Mileto, Heráclito, Parmênides, Sócrates, Platão, Aristóteles, Sêneca, Sexto Empírico, Santo Agostinho, Santo Anselmo, Abelardo, Tomás de Aquino, Maquiavel, Hobbes, Descartes, Locke, Spinoza, Leibniz, Hume, Kant, Hegel,

Schopenhauer, Nietzsche, Frege, Russell, Heidegger, Adorno, Popper, Wittgenstein etc.<sup>1</sup>

Trata-se de filósofos essenciais à narrativa filosófica vigente e à autocompreensão da filosofia que aprendemos e ensinamos (reproduzimos, no círculo entre universidade e escola). Os filósofos “menores”, excluídos – por nacionalidade, importância intelectual relativa, forma literária, e outros critérios internos à compreensão já consolidada –, ainda são do universo masculino. As mulheres, todas as filósofas (arcanas maiores ou menores de um cânone por fazer), estão na periferia deste universo, bem situadas em seu lugar de exceção.

Reduccionismos à parte, o que se tem praticado no ensino de Filosofia, sobretudo na universidade, segue esse cânone, cuja lição é: a pluralidade das filosofias consiste num conjunto específico de filósofos e suas escolas de pensamento; fora disso, não há contribuição filosófica relevante. Ou seja, o conjunto privilegiado que forma o cânone define o que é Filosofia, quem são os filósofos e quais são os problemas e conceitos filosóficos relevantes.

Um estudo recente transformou o “exercício simples”, proposto na epígrafe, em uma pesquisa de Andrade (2018), a qual deu origem a um artigo publicado em 2020. Este trabalho analisou programas de ensino ou ementas de disciplinas dos cursos de filosofia de 15 universidades públicas brasileiras no primeiro semestre de 2017. Os resultados comprovam o impacto que sofri na minha experiência como estudante:

A nossa conclusão é de que a área da filosofia ainda se apresenta resistente ao estudo ou mesmo leitura da produção filosófica realizada por mulheres. O discurso filosófico consolidado na academia tem se reproduzido, na maioria das vezes, por uma fala eminentemente masculina, disposto a pensar o mundo indiferente à participação das mulheres. (ANDRADE; GONTIJO, 2020, p. 258).

A questão que emerge diante dessa situação é: por que o cânone da Filosofia foi constituído dessa maneira e como encontrar os pensamentos que ficaram de fora? E aqui perguntamos por mulheres, pessoas do continente africano, da América

---

<sup>1</sup> Vide o Anexo de ementas/programas de disciplinas obrigatórias do curso de Filosofia da UnB.

Latina, do Oriente etc. Alguns cursos optativos apresentam esses pensamentos, tais como: Filosofia e Feminismo, Filosofia Africana, Filosofia na América Latina e Filosofia Oriental. Além dessas matérias específicas, optativas e que são exceções - portanto, confirmam a regra -, pouco ou nenhum contato se tem com esses pensamentos em disciplinas obrigatórias como Epistemologia, Metafísica ou até mesmo as disciplinas “históricas” da Filosofia (por que não?).

Como veremos a seguir, a rejeição das mulheres no pensamento filosófico não é fruto de sua inexistência e sim de seu silenciamento e ocultação. Discurso e filosofia são elementos intrincados. A forma como a tradição da Filosofia se construiu - uma tradição metafísica - dá abertura ao descolamento da realidade e pode invisibilizar discursos. De acordo com Pacheco:

Sabe-se que a questão do posicionamento das mulheres - como o de sua natureza - no decorrer da história foi influenciado por discursos, os quais acabavam tecendo negativamente a imagem da mulher, buscando justificar a “submissão feminina” em fatores biológicos ou naturais. Como as mulheres não tinham espaço, esses discursos foram realizados pelos homens, que as teceram como o sexo frágil, complexo, limitado e de natureza inferior. Que homens ajudaram a tecer essa imagem? Os filósofos foram alguns desses homens. Muitos deles trataram as mulheres de forma negativa, são raros os que destacavam uma posição contrária a da negatividade em relação ao sexo feminino. (PACHECO, 2015, n.p.)

No processo de exclusão sofrido pelas mulheres, o que se fala sobre elas tem efeitos importantes, como mostra Pacheco (2015). Em um ambiente androcêntrico, essa ideologia é retroalimentada, ou seja, se constrói um discurso negativo acerca da mulher. Como somente a fala dos homens é autorizada, essa retórica permanece. Às mulheres, não é possibilitada a fala, como discorre Pacheco (2015), pois os homens constroem uma imagem negativa delas. Os homens continuam construindo essa imagem negativa delas porque não se incluem suas presenças, não se escutam suas vozes, narrativas e argumentos para desconstruir o discurso dominante. Daí, vemos a importância das perspectivas de gênero nas disciplinas e em outras atividades do curso de Filosofia.

A majoritária presença masculina nas ementas e bibliografias dos cursos de Filosofia implica na recepção de um discurso masculino, sob o qual a própria Filosofia foi construída. Tal discurso apresentou, na opinião de muitos filósofos consagrados pela tradição, visões marginalizantes e excludentes sobre as mulheres. Isso ocorreu devido a influências muito antigas, a partir da consolidação do



patriarcado no Ocidente e do desenvolvimento da misoginia. Para apresentar um pouco a maneira como se construiu um discurso negativo sobre as mulheres, apresentaremos a seguir aspectos relacionados à constituição da sociedade ocidental e suas relações com o discurso.

### **Faixa 1 - A questão social e o discurso sobre a mulher: patriarcado e misoginia no Ocidente**

Segundo Muraro (2009), no período da história em que a caça e a coleta faziam parte do modo de subsistência da humanidade, a força física não era aspecto essencial à sobrevivência, e assim a mulher possuía papel central nessas sociedades. Por não se conhecer a função do homem no processo reprodutivo, a procriação era atribuída à mulher, a qual era assim relacionada a uma esfera sagrada. A visão da reprodução como privilégio dado pelo divino às mulheres provocou nos homens o que essa autora chamou de “inveja do útero” (MURARO, 2009, p. 5), que causou a criação de mecanismos culturais por parte dos homens para suprir essa lacuna biológica. Enquanto as mulheres tinham “poder biológico”, os homens desenvolveram um “poder cultural” (MURARO, 2009, p.6).

Muraro (2009) expõe que, nas sociedades de coleta, de âmbito matricentral<sup>2</sup>, o poder das mulheres não acontecia da mesma forma que em sociedades patriarcais, pois as comunidades tinham características cooperativas e rodízio de lideranças. Dessa forma, não se falava em transmissão de poder nem de herança, o que tornava as relações mais fluidas, dando maior liberdade sexual aos indivíduos, não havendo pressão por aumento populacional. Logo, não era necessária a conquista de territórios nem a guerra. À medida que a disponibilidade de alimentos se torna escassa e é necessário o desenvolvimento da caça de grandes animais, a disputa por recursos gera competitividade e a força física mostra-se essencial, bem como a disputa de territórios com guerras. Os homens passam a ser valorizados na figura de heróis e a cooperação já não opera mais.

---

<sup>2</sup> Termo usado por Rose Marie Muraro (2009, p.6) em detrimento do termo matriarcal, por acreditar que as relações em sociedades onde as mulheres tinham papel central não as imbuía de poder da mesma maneira que foi atribuído poder aos homens nas sociedades patriarcais.

Embora os homens passem a ser valorizados e a harmonia tenha sido desfeita, as sociedades ainda não conhecem a função reprodutiva do homem, o que resguarda a ligação sagrada das mulheres pela procriação. Além disso, as mulheres mantinham-se em certa simbiose com a natureza, uma vez que, por vivenciarem ciclos em seu próprio corpo, os enxergavam também no ambiente em que viviam. A mesma autora expõe que, em dado momento, o homem passa a dominar a função biológica reprodutora, de modo a controlá-la, momento no qual se dá também a regulação da sexualidade feminina, surgimento do casamento e transmissão da herança por descendência masculina (MURARO, 2009).

Na época em que acontecem essas mudanças, um fator a ser destacado é a capacidade que o homem adquiriu em fundir metais. Com isso, se tornou possível desenvolver a tecnologia da construção de armas e aprimorar instrumentos diversos, de forma a dominar o cultivo da terra e, conseqüentemente, gerando o sedentarismo. Tudo isso possibilitou estabelecendo cidades e a consolidação do patriarcado. Para a autora, o resultado que vemos desse processo no Ocidente é o controle sexual da mulher por meio do casamento, além de sua marginalização decorrente da herança de linhagem masculina e a apropriação de suas funções econômicas, tornando-a dependente do homem.

Especificamente no que concerne à Grécia Antiga - e aqui falamos dela por ser considerada o berço da civilização ocidental e da Filosofia -, a forma como a mulher era descrita por alguns autores ganhou fôlego histórico na Filosofia, com implicações práticas. Segundo Lopes (2012), “foi na Grécia Antiga que se estabeleceram, [...], os tópicos fundamentais de um retrato negativo da mulher que gozará de um porvir florescente: criatura frágil, irracional, luxuriosa, instável, perversa e ignorante” (LOPES, 2012, pp.490-491). Segundo essa autora, os escritos de Hesíodo apresentavam imagens da mulher que tiveram grandes impactos na sociedade grega, sobretudo a história de Pandora. Esse mito, por apresentar a dimensão enganadora da fala (por meio de uma mulher), propaga a ideia de imposição do silêncio como solução<sup>3</sup>. A autora ainda expõe que o discurso misógino

---

<sup>3</sup> Foi amplamente aceita a ideia da necessidade de controlar totalmente a mulher, impondo-lhe o recolhimento e o silêncio, para não poder exercer os seus dotes de sedutora quer pela aparência, quer pela palavra; e tirando-lhe qualquer direito civil, para que não tivesse capacidade econômica e de intervenção pública: era controlada por um tutor, o *kyrios*. (LOPES, 2012, pp.494-495).

atravessou a época helenística e que os Oxímoros, escritos por Secundus, na época de Plutarco, exerceram enorme influência na Idade Média e no Renascimento. Secundus apresenta diversas definições da mulher, atribuindo-lhe características de cunho fortemente pejorativo<sup>4</sup>. Assim, a misoginia<sup>5</sup> (termo grego, por sinal) foi se fortalecendo com o passar do tempo e se consolidando na tradição do pensamento.

É sobre a misoginia que se apoia o discurso filosófico tradicional, contribuindo para a exclusão das mulheres da Filosofia. Pacheco (2015) apresenta exemplos de pensamentos de filósofos sobre as mulheres ao longo da história. Filósofos da tradição, como Aristóteles, Rousseau e Kant, construíram a Filosofia sobre bases masculinas e misóginas ao proferirem opiniões que apontavam as mulheres como inferiores e muitas vezes as justificando com a noção da “diferença natural”. A autora também destaca que alguns poucos filósofos demonstraram ter visões diferentes da citada, mas a perspectiva que prevaleceu foi a da inferioridade racional das mulheres.<sup>6</sup>

Nas palavras de Hannah Arendt: “sempre que a relevância do discurso entra em jogo, a questão torna-se política por definição” (ARENDR, 2020, p. 4). A tradição filosófica, segundo Wuensch (2005), é um dos aspectos que faz Hannah Arendt dispensar a autodesignação de “filósofa”, por compreendê-la como antipolítica. O seu caso de dispensa do título de “filósofa” pode nos mostrar que suas próprias concepções questionam os pressupostos da Filosofia. Um dos problemas que temos aqui é: o que se considera Filosofia é o que os homens consideram Filosofia.

Com essa reflexão em mente, vamos mergulhar nas concepções implicadas na forma que geralmente se costuma entender o surgimento da Filosofia.

---

<sup>4</sup> Vejam-se algumas definições de mulher: “uma depravação que controla o corpo”; “uma leoa na vossa cama”; “uma víbora vestida”; “um castigo quotidiano”; “um entrave a tranquilidade”; “o saque da nossa vida”; “uma guerra muito dispendiosa”; “uma besta maldosa”; “um instrumento para a procriação”; “um mal necessário” (Philonenko 1991: 377-378, tradução minha). (LOPES, 2012, p.499).

<sup>5</sup> Foi Antípatro de Tarso, filósofo estoico, que, já na época helenística, introduziu a palavra *μισογυνία* para designar o “ódio, desagrado, desconfiança pelas mulheres”, curiosamente numa obra em defesa do casamento (c.150 a. C.). (LOPES, 2012, p.490).

<sup>6</sup> Pacheco expõe essas ideias baseada nos estudos de outras filósofas sobre o discurso masculino: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *As Mulheres na Filosofia*. Lisboa. Colibri, 2009. FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. *O que os filósofos pensam sobre as mulheres*. São Leopoldo, RS. Editora Unisinos, 2010. GASPAREL, Adília Maia. *A Representação das Mulheres no Discurso dos Filósofos: Hume, Rousseau, Kant e Condorcet*. Rio de Janeiro. Uapê: SEAF, 2009.

## Faixa 2 - O surgimento da Filosofia

*Ningún discurso sobre la filosofía griega puede prescindir de un análisis del mito.*

**Giulio de Martino e Marina Bruzzese** –  
Las Filósofas. Las mujeres protagonistas en la  
historia del pensamiento (1996)

Geralmente o que se apresenta como surgimento da Filosofia se baseia na afirmação de que ela teria se originado com os gregos antigos, civilização que teria sua origem indo-europeia, passando do pensamento mítico ao racional, quase que por milagre. Porém, há indícios de que civilizações africanas e asiáticas exerceram influência sobre o pensamento grego, como observamos nos textos de autores como Heródoto e Platão, por exemplo<sup>7</sup>.

Com os processos de colonização que se desenrolaram a partir do final do século XV, a África era considerada continente de civilizações primitivas, pretexto para exploração e dominação de seus povos. Dessa maneira, como seria possível que a Filosofia tivesse origens africanas ou asiáticas, se essas civilizações eram consideradas inferiores? Não era possível admitir essas ascendências<sup>8</sup>. Assim, foi

<sup>7</sup> Os egípcios foram os primeiros a propor a doutrina segundo a qual a alma humana é imortal e, quando o corpo morre, ela entra noutra criatura que esteja para nascer nesse exato instante (...). Há alguns gregos que sustentaram esta doutrina — alguns em tempos mais recuados, outros depois — como se fosse da sua autoria. Conheço os seus nomes, mas não os escrevo. (HERÓDOTO, *HISTÓRIAS*, 2.123).

“Há no Egito – começou Crítias –, no extremo inferior do delta, em redor da zona onde se divide a corrente do Nilo, uma região chamada Saiticos; e da maior cidade dessa região, Sais – precisamente de onde era natural o rei Amásis –, foi fundadora uma deusa cujo nome em Egípcio é Neith, e em Grego, segundo dizem os que lá vivem, Atena. Eles nutrem profunda simpatia pelos Atenenses e dizem que, de certo modo, com estes têm afinidades.” (PLATÃO, 2011, pp. 81-83).

“Ó Sólon, Sólon, vós, Gregos, sois todos umas crianças; não há um grego que seja velho”. Ouvindo tais palavras, Sólon indagou: “O que queres dizer com isso?” “Quanto à alma, sois todos novos – disse ele. É que nela não tendes nenhuma crença antiga transmitida pela tradição nem nenhum saber encanecido pelo tempo.” (PLATÃO, 2011, pp. 81-83).

<sup>8</sup> A colonização estava apoiada em, pelo menos, dois pilares. Um deles era o pilar da religião, a inspiração e a crença que a fé no Deus de Jesus Cristo demandava que cada ser humano no planeta Terra deveria ser cristianizado, mesmo contra a sua vontade. (Williams, 1990, 51). O outro era a idéia filosófica que somente os seres humanos do Ocidente eram, por natureza, dotados de razão, sendo assim a única e autêntica personificação da famosa afirmação aristotélica “o homem é um animal racional”. É claro que essa posição filosófica sobre o Homem contrariava a decisão de cristianizar, já que o cristianismo era direcionado apenas a seres humanos. No nível conceitual, a contradição foi resolvida pelo Sublimis Deus, do Papa Paulo III (Hanke, 1937, 71-72), que declarava expressamente que “todos os homens são animais racionais”. A declaração não eliminou a falácia psicológica

necessário criar outra história, a de que a Grécia se formou a partir de povos indo-europeus, ou seja, sua origem seria branca. Essa ideia foi chamada por Martin Bernal<sup>9</sup> de “tese ariana da história” e:

[...] sustenta que os europeus são a forma mais perfeita do ser humano e que as grandes tradições da história do mundo são produto de sociedades brancas começando com os gregos. Assim, de acordo com esta ideologia a civilização – filosofia, artes, ciências, tecnologias, formas de governo “avançadas” – foram desenvolvidas apenas por europeus. Qualquer contribuição de outras civilizações, principalmente as africanas, é desqualificada, ignorada e quando reconhecida sustenta-se que o gênio grego impôs uma mudança qualitativa no conhecimento recebido. (BENEDICTO, 2014, p.2)<sup>10</sup>

A outra tópica envolvida na visão mais difundida do surgimento da filosofia é a que diz que a Filosofia se desenvolveu em contraposição, distanciamento ou passagem do discurso mitológico ao racional. Porém, essa mesma visão pode ser entendida, ela mesma, como um mito, o mito da origem da filosofia, que talvez seja validada por uma autoridade, alguém importante que diz que foi assim, tal qual os mitos em outros contextos, que são expressos também por uma espécie de liderança (numa tribo indígena, por exemplo, um xamã). Sobre esse aspecto, podemos refletir que, aparentemente, a definição e diferenciação do que se considera mito ou não passam pelo estatuto do poder.<sup>11</sup>

---

solidificada na convicção de que “o homem é um animal racional” não se referia aos africanos, aos ameríndios, aos australasianos e, muito menos, às mulheres. No coração desta convicção reside a dúvida sobre se essas pessoas, incluindo as mulheres, não são propriamente seres humanos (Bondy, 1986, 242-243). Assim, a dúvida sobre a existência da Filosofia Africana é, fundamentalmente, um questionamento acerca do estatuto ontológico de seres humanos dos africanos. (RAMOSE, 2011, p.7).

<sup>9</sup> BERNAL, Martin. Black Athena: **The Afroasiatic Roots of Classical Civilization**. New Brunswick, Rutgers University Press, vol.1, 1987.

<sup>10</sup> O comentário de Benedicto (2014) na citação acerca da concepção de Bernal de que quando há reconhecimento da influência de outras culturas no desenvolvimento do pensamento grego este aparece junto com a afirmação de uma imposição “qualitativa” do gênio grego, é facilmente verificada nesse trecho de um livro de introdução à filosofia bastante difundido no Brasil: “A filosofia foi criação do gênio helênico: não derivou aos gregos a partir de estímulos precisos tornados das civilizações orientais; do Oriente, porém, vieram alguns conhecimentos científicos, astronômicos e matemático-geométricos, que o grego soube repensar e recriar em dimensão teórica, enquanto os orientais os concebiam em sentido prevalentemente prático. Assim, se os egípcios desenvolveram e transmitiram a arte do cálculo, os gregos, particularmente a partir dos Pitagóricos, elaboram uma teoria sistemática do número; e se os babilônios fizeram uso de observações astronômicas particulares para traçar as rotas para os navios, os gregos as transformaram em teoria astronômica orgânica. (REALE, 2007, p.3).

<sup>11</sup> A atribuição de um pensamento a uma autoridade parece validá-lo como verdade. É o que se vê com a perspectiva do surgimento da filosofia com um saber que se contrapõe ao mito e que é grego. Ela vem sendo divulgada há duzentos anos através de uma tradição com intenções bem claras: excluir o oriente e a África da história da filosofia. Antes do monopólio da Igreja Católica, havia várias hipóteses sobre as origens da filosofia como, por exemplo, Platão e Heródoto que apresentavam grande interesse no pensamento do Egito como anterior ao grego. Aristóteles parece fixar o título de iniciador na empreitada da Filosofia a Tales de Mileto: “Também esse movimento de Aristóteles

A separação entre *mythos* e *logos* não parece estar presente no que se costuma conceber como pensamento da sociedade da Grécia Antiga. Alguns estudiosos<sup>12</sup> mantêm a posição de que o “mito” é uma categoria Ocidental que se originou com os pensamentos antropológicos durante o Iluminismo, sendo uma ferramenta. Essa categoria é produzida pela observação da cultura do outro e, aqui, a partir de uma perspectiva eurocêntrica.

É possível observar, em diversos trechos de obras de filósofos, que *mythos* e *logos* não correspondem a visões opostas e podem estar contidos num mesmo texto, obra, fragmento ou explicação. Mito e filosofia estão correlacionados. Um texto que exemplifica essa tese é o famoso poema de Parmênides que transmite suas ideias por meio de elementos míticos como “caminho famoso da divindade”, “filhas do sol”, “portal que separa os caminhos da noite e do dia”, “deusa”<sup>13</sup> etc.

A distância criada entre mito e racionalidade gera uma perspectiva de senso comum do mito que o trata como algo relacionado a culturas primitivas e histórias (fantasiosas) antigas que foram se cristalizando. Esse ponto de vista aponta para um paradigma antropológico que coloca o mito no degrau anterior e inferior ao que se considera “civilização” e contraposto ao discurso racional. O mito muitas vezes é

---

revelou-se crucial. Certo que cedo ele foi contrastado com uma tendência, de marca oposta, que buscou o início da filosofia no mundo oriental. Já Heródoto e Platão haviam manifestado admiração pelo arcabouço de conhecimentos desenvolvidos pela civilização egípcia até mesmo antes que os gregos surgissem no horizonte. (...). Todavia, são numerosos os autores gregos que, sobretudo a partir do século IV, declaram a prioridade filosófica de persas ou caldeus, dos ‘gimnosofistas’ indianos ou dos druidas”. (SASSI, 2015, p.28). A tese de Aristóteles avança e se propaga até Hegel, que se vale do paradigma aristotélico para desconsiderar o Oriente na história da filosofia e até Zeller, que tem leitura hegeliana. A triangulação Aristóteles – Hegel – Zeller sanciona a expulsão do Oriente da história da filosofia e coloca Tales na posição de primeiro filósofo.

Para verificar o pensamento de Hegel e Kant sobre pessoas africanas ver: BENEDICTO, R. M. (2014) presente nas referências bibliográficas deste trabalho.

<sup>12</sup> Ver ELIADE, Mircea. **Aspectos do Mito**. Lisboa, Edições 70, 1963.

<sup>13</sup> Os corcéis que me transportam, tanto quanto o ânimo me impele, conduzem-me, depois de me terem dirigido pelo caminho famoso da divindade, que leva o homem sabedor por todas as cidades. Por aí me levaram, por aí mesmo me levaram os habilíssimos corcéis, puxando o carro, enquanto as jovens mostravam o caminho. O eixo silvava nos cubos como uma siringe, incandescendo ao ser movido pelas duas rodas que vertiginosamente o impeliam de um lado e de outro lado, enquanto se apressaram as jovens filhas do sol a levar-me, abandonando a região da Noite para a luz, libertando com as mãos à cabeça dos véus que a escondiam. Aí está o portal que separa os caminhos da Noite e do Dia, encimado por um dintel e um umbral de pedra; o portal, etéreo, fechado por enormes batentes, dos quais a Justiça vingadora detém as chaves que os abrem e fecham. (...) E a deusa acolheu-me de bom grado, mão na mão direita tomando, com essas palavras se me dirigiu “Ó jovem, acompanhante de aurigas imortais, Tu, que chega até nós transportado pelos corcéis, Salve!” (PARMÊNIDES, 2003, pp. 13-14).

entendido no âmbito da esfera do religioso, enquanto o discurso racional é entendido na esfera do saber filosófico.

Percebemos que a análise das relações entre o mito e a racionalidade nos ajuda a compreender que, muitas vezes, quando se quer desqualificar um discurso, procura-se enquadrá-lo na categoria do mito, com um entendimento de conhecimento inferior. Isso aconteceu, como mostramos acima, com os saberes africanos e também com o discurso feminino. Além disso, no que diz respeito a esse último, a ligação das mulheres com uma esfera do sagrado nas sociedades antigas é tomada como pretexto para aproximar ainda mais seu discurso como pertencente à esfera do mito, uma vez que o âmbito do sagrado é conectado mais à perspectiva do mito do que da racionalidade.

A aproximação do discurso feminino com a esfera do mito para desqualificá-lo está relacionada à forma como se vê a mulher, às diversas representações históricas da mulher. Olhemos agora para as mulheres de Atenas. Alguns autores<sup>14</sup> apontam que os papéis masculino e feminino na Grécia Antiga, sobretudo em Atenas, eram tratados como uma relação de distinção, e que, no seio do *oikos* (em tradução livre: ambiente doméstico, habitado, casa), a mulher encontrava certo espaço de independência. Eles também destacam a presença importante da mulher na religião, tanto no exercício de atividades – como no papel de sacerdotisas, profetas e oráculos –, quanto na representação mítica, na qual algumas figuras poderiam aparecer com características consideradas masculinas e, talvez assim, valorizando-as.

A representação da mulher na cultura grega antiga é com certeza um assunto delicado. Enquanto alguns autores indicam que as mulheres representadas em mitos e na literatura podem apresentar, em certa medida, um retrato da mulher ateniense, outros expõem que não é o fato de serem retratadas de certa forma que determina seu real comportamento e modo de agir na sociedade.

---

<sup>14</sup> Ver FUNARI, Pedro Paulo A. (Org); FEITOSA, Lourdes Conde. (Org); SILVA, Glydson José da (Org). *Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003.

Uma das visões sobre a mulher ateniense é a apresentada por Martino e Bruzzese (1994), indicando que, provavelmente, com a consolidação do patriarcado, os privilégios masculinos tenham sido reforçados. Dessa maneira, a condição da mulher em Atenas perpassa por forte relação de subordinação ao homem, sendo inferiorizada hierarquicamente e expurgada dos papéis de vida pública e participação social, acabando por restringir-se à maternidade, gestão doméstica e educação dos filhos.

Por outra perspectiva, Andrade (2003) expõe que a firmação da Lei de Péricles<sup>15</sup>, em 451 a.C., trouxe consequências ao estatuto das mulheres, modificando seu *status* público, pelo vínculo do nascimento. Expõe, também, que essas mudanças foram próprias das cidadãs (filhas de atenienses e casadas com atenienses filhos de atenienses, as “bem-nascidas”), não abrangendo as estrangeiras, e que a apropriação do modelo de mulher *mélissa* (modelo de comportamento ideal no qual constava uma série de “virtudes”, como silêncio, submissão, procriação e fertilidade, etc. – tomando as abelhas como exemplo) pode ter sido uma forma de estratégia de distinção da cidadã, além de reforçar e fortalecer, de alguma forma, sua inclusão social na cidade.

Sobre isso, mas sob outra perspectiva, Silva (2011) propõe que o modelo *mélissa* não era de fato vivenciado pelas mulheres bem-nascidas de Atenas de maneira plena na vida cotidiana, pois a autora indica que o discurso considerado valoroso ao longo da história foi o discurso de documentos oficiais, que tem por base um repertório masculino. Considerado o homem como o único construtor de conhecimento, tal discurso pode ou não contemplar a realidade, propagando e consolidando a ideia autorreferente do discurso masculino. Dessa forma, a autora afirma que as representações que nos chegaram foram transmitidas e decididas pelos homens e, por isso, as práticas sociais reais do dia a dia ateniense podem se diferenciar segundo a documentação utilizada.

Percebemos assim que o que é adotado como oficial, tradicional ou padrão tem um objetivo. A adoção da Grécia como berço da Filosofia não parece ser por

---

<sup>15</sup> Restringiu a cidadania ateniense a filhos de pai e mãe atenienses. (ANDRADE, 2003, p.124).



acaso. Pelo que expusemos nesta faixa, nota-se que o cânone está apoiado em bases excludentes que são transmitidas no ensino de filosofia. Esses dados da Filosofia e a narrativa hegemônica sobre sua origem pretendem perpetuar uma determinada compreensão do mundo, eurocêntrica. “Os europeus” que mencionamos anteriormente, citando Benedicto (2014), têm características específicas: homens, brancos, cristãos, capitalistas etc. Por meio da construção histórica da imagem ainda hoje dominante das mulheres, elas foram relegadas à periferia da vida social e intelectual, que é o que veremos a seguir.

### **Faixa 3 - Da origem para o estabelecimento do cânone moderno**

(Modernidade, economia social, vida e família: a degradação das mulheres)

A modernidade parece ser o ponto no qual um padrão social se consolidou como referência hegemônica:

O projeto identitário hegemônico (...) engendra a concepção de que os outros localizados à margem de uma política global iluminista, sem concepções comuns sobre razão, universalidade e verdade, são passíveis de serem desconsiderados (física, semiótica e ontologicamente) em prol de uma civilização branca, capitalista, masculinista, heteronormativa e cristã. (OSMAN, 2015, p.284)

Segundo Osman (2015), a construção da categoria de “outro” por parte da Europa e a constituição de sua identidade se apoiam na expulsão dos últimos árabes/mulçumanos da região da Andaluzia (seu outro interno) e, assim, no encobrimento de seu outro externo, por meio da colonização, colocando em marcha o “projeto identitário hegemônico” europeu por intermédio da imposição de suas bases, tornando-se o referencial forçado às sociedades.

O que parece estar apoiando esses pilares assentados pela modernidade é uma lógica política que penetra a sociedade em seus vários aspectos. Uma lógica de exclusão e inclusão inaugurada pelo Estado Moderno, amarrada por um nexo indiscernível entre esse par, com o estabelecimento de uma relação de exceção (AGAMBEN, 2002).<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Esse nexo indiscernível, segundo Agamben, tem origem no paradoxo da soberania: “O paradoxo da Soberania se enuncia: ‘o soberano está, ao mesmo tempo, dentro e fora do ordenamento jurídico’. Se o soberano é, de fato, aquele no qual o ordenamento jurídico reconhece o poder de proclamar o estado de exceção e de suspender, deste modo, a validade do ordenamento, então ‘ele permanece

Com a modernidade, a esfera pública passa a englobar a vida de uma maneira diferente, considerando aspectos que antes faziam parte do âmbito privado. A economia se torna a ciência das populações. Enquanto ciência moderna e também enquanto ciência social, conforme explica Arendt (2020), surge coincidentemente quando emerge a sociedade, tendo como instrumento principal, desse momento de primazia da técnica, a estatística. Ou seja, a economia torna-se um elemento científico a partir do entendimento dos indivíduos humanos como seres sociais, agora reduzidos ao seu papel nesse contexto: produtores, trabalhadores, consumidores. O ser social implica ter um determinado comportamento, que é o elemento que busca igualar esses seres por meio de regras e imposições: “os homens tornaram-se seres sociais e passaram a seguir unanimemente certos padrões de comportamento de sorte que aqueles que não seguissem as regras podiam ser considerados sociais e anormais” (ARENDR, 2020, p. 52).

As chaves para compreensão dessa lógica política moderna (exclusão-inclusão) estão nas relações da esfera da *pólis*, da cidade, da política com o âmbito do lar, da família:

[...] com a ascensão da sociedade, isto é, do “lar” (*oikia*) ou das atividades econômicas ao domínio público, a administração doméstica e todas as questões antes pertinentes à esfera privada da família transformam-se em preocupação “coletiva”. No mundo moderno, os dois domínios constantemente recobrem um ao outro, como ondas no perene fluir do processo da vida. (ARENDR, 2020, p. 40).

Outra maneira de ver a relação entre essas esferas é expressa por Federici (2017). A autora mostra que, no contexto da transição para o capitalismo, no contexto da Europa, ocorreram mudanças no que concerne à organização social “família”. Com a perda do uso da terra comum e o estabelecimento das bases capitalistas, o Estado tomou iniciativas de privatização e passou a intervir na reprodução do trabalho.

---

fora do ordenamento jurídico e, todavia, pertence a este, porque cabe a ele decidir se a constituição *in toto* possa ser suspensa’ (Schmitt, 1992, p.34). A especificação ‘ao mesmo tempo’ não é trivial: o soberano tendo o poder legal de suspender a validade da lei, coloca-se legalmente fora da lei. Isso significa que o paradoxo pode ser formulado também desse modo: ‘a lei está fora dela mesma’, ou então: ‘eu, o soberano, que estou fora da lei, declaro que não há um fora da lei’”. (AGAMBEN, 2002, p. 23).

É nesse ponto que aparece a assistência pública, elemento que tem papel essencial para a administração da reprodução e disciplina social. A ciência das populações passou a ocupar-se com a relação entre a população, o trabalho e o poder. Com os estudos demográficos, veio também a “intervenção do Estado na supervisão da sexualidade, da procriação e da vida familiar” (FEDERICI, 2017, p.174).

Diante das crises sociais que se apresentavam e da situação de acumulação do capital, as mulheres foram empurradas cada vez mais à degradação social, tornando-se mais dependentes dos homens assalariados. Elas, que antes trabalhavam como autônomas, foram as que mais encontraram dificuldades para serem empregadas. Assim foram sendo relegadas ao trabalho reprodutivo, que foi sendo ocultado até ser praticamente naturalizado, ao mesmo tempo pressuposto e excluído dos cálculos econômicos. Disso decorre a perda das mulheres do controle de seus corpos e a ascensão de uma divisão sexual do trabalho que tornou as mulheres bens comuns e substitutas das terras perdidas pelos servos, agora trabalhadores. Esse contexto acentuou as “relações de poder desiguais entre mulheres e homens” (FEDERICI, 2017, p. 192), uma vez que o trabalho delas passa a constar nos termos de um recurso natural a ser explorado, pondo-se assim fora do âmbito mercadológico.

Nesses termos, a autora expõe que a família se tornou o:

[...] principal centro para a reprodução da força de trabalho. Complemento do mercado, instrumento para a privatização das relações sociais e, sobretudo, para a propagação da disciplina capitalista e da dominação patriarcal, a família surgiu no período de acumulação primitiva também como a instituição mais importante para a apropriação e para o ocultamento do trabalho das mulheres. (FEDERICI, 2017, p.193)

Ou seja, além de imprimir na sociedade determinados pilares sob os quais se apoia a economia, a modernidade impôs às mulheres extrema degradação social, como evidencia Federici (2017). O processo a que foram submetidas fez com que elas perdessem sua participação em diversos setores da vida social. A nova divisão sexual do trabalho e a naturalização do trabalho doméstico reconfiguraram as

relações sociais entre homens e mulheres, transformando também a política sexual e, assim:

[...] construíram-se cânones culturais que maximizavam as diferenças entre as mulheres e os homens, criando protótipos mais femininos e mais masculinos (Fortunati, 1984). Por outro lado, foi estabelecido que as mulheres eram inerentemente inferiores aos homens [...]. (FEDERICI, 2017, p. 201).

Embora o machismo não tenha surgido nesse contexto, a situação da transição para o capitalismo desenvolveu processos decisivos para estabelecer o masculino como padrão soberano, em todos os âmbitos da vida social e política. No cânone da filosofia moderna, isto se reflete no discurso sobre as mulheres. Segundo Pacheco (2015):

Os filósofos Kant e Rousseau apresentam uma ideia restrita sobre as mulheres, atribuindo-lhes somente funções domésticas (mãe e esposa), excluindo-as de qualquer esfera pública. Ambos tomando como justificativa o conceito de natureza e essência feminina. Para Kant, a racionalidade na mulher existe de maneira menor em relação ao homem. Em Rousseau há dois pontos importantes que justificam as atribuições dadas às mulheres: “o primeiro é que as mulheres são fisicamente menos fortes que os homens; o segundo é que elas têm a seu cargo a produção de crianças e esse ‘trabalho’ limita sua independência. (PACHECO, 2015, p. 19).

Embora visões como a de Kant e Rousseau fossem dominantes, Pacheco (2015) apresenta que filósofos como Hume e Condorcet apresentavam ideias de igualdade entre homens e mulheres. A autora apresenta também que, mais adiante, no século XIX, John Stuart Mill publica o ensaio intitulado “A Sujeição das Mulheres” que “tenta ‘desconstruir’ a ideia de que a mulher possui uma natureza subalterna. Um argumento interessante que ele utiliza em sua obra é ‘a impossibilidade de se conhecer a capacidade das mulheres, pois nunca as deixaram mostrá-la’” (PACHECO, 2015, p. 20). Contudo, mais uma vez, os filósofos solidários às mulheres são exceções.

A herança que recebemos é a da invisibilidade e inacessibilidade às mulheres e seus pensamentos próprios, singulares. Vimos que não só a presença majoritária masculina no cânone transmitido nos cursos de Filosofia é preocupante, mas esse fato consolida também um discurso sobre as mulheres que as mantém excluídas. De acordo com Wuensch (2005):

[...] teremos, além de um currículo oficial francamente *androcêntrico* (centrado na imagem do homem filósofo), também um currículo oculto ou subliminar, segundo expressão utilizada por alguns autores. Esta situação não apenas sugere que a Filosofia é atividade masculina, exercida exemplarmente por sujeitos homens, mas, ainda, como podemos observar nas próprias entrelinhas dos textos canônicos, é uma atividade que tem como subproduto a geração de argumentos *misóginos*. (WUENSCH, 2005, p. 95, grifos da autora, modificado)

A composição europeia masculina dominante do cânone faz com que os filósofos imprimam sua perspectiva de sociedade e de humanidade, como vimos antes. Ficam excluídas as concepções de pensadores e pensadoras não europeus; mas nem mesmo as pensadoras europeias são consideradas porque são *mulheres*. As representações construídas acerca das mulheres contribuíram para exclusão de sua participação em discussões de diversas naturezas e as empurrou ao âmbito doméstico. Logo, foi atribuída a elas de forma naturalizada essa atividade, impossibilitando-as de ultrapassá-la para dar a conhecer seu pensamento. Pacheco (2015) expõe que “esta atribuição dada às mulheres é fruto de discursos misóginos – muitos proferidos por filósofos – que justificavam a submissão e inferioridade feminina com base em aspectos biológicos e naturais” (PACHECO, 2015, p.15). Como vimos pelo exposto no Lado A, fica estabelecida uma narrativa misógina contínua entre a antiguidade e a modernidade.

Aqui vemos o problema de se tomar o discurso dominante como referência, uma vez que, em geral, e em Filosofia também, esse discurso é um discurso masculino e misógino. É necessário que as questões de gênero sejam incluídas nos currículos de Filosofia, bem como os discursos das mulheres que buscam desconstruí-los enquanto apresentam suas contribuições para outras áreas de investigação filosófica, tais como: estética, ética, política, epistemologia, educação, direito, linguagem, lógica, metafísica etc.

## LADO B - SOBRE FILOSOFIA, CURRÍCULO E MULHERES

(Por outro ensino de filosofias: transgressão)

*Foi com esse espírito que Leopoldina Fortunati e eu começamos a estudar aquilo que, apenas eufemisticamente, pode ser descrito como a ‘transição para o capitalismo’, e a procurar por uma história que não nos fora ensinada na escola.*

**Silvia Federici** – Calibã e a Bruxa (2017)

*É óbvio que isso é um assunto do pensamento, e a ausência de pensamento [thoughtlessness] – a despreocupação negligente, a confusão desesperada ou a repetição complacente de “verdades” que se tornaram triviais e vazias – parece-me ser uma das mais notáveis características do nosso tempo. O que proponho, portanto, é muito simples: trata-se apenas de pensar o que estamos fazendo.*

**Hannah Arendt** – A Condição Humana (1958)

Desde o início deste trabalho, procuramos mostrar que um padrão foi estabelecido, o qual parece ter se firmado na modernidade e atinge todos os âmbitos da sociedade. As transformações impostas pela nova ordem econômica, social e política vão se refletir no âmbito da educação, seu modo de concepção e a forma de estabelecimento curricular.

Segundo Lemaire (2018b), com o estabelecimento dos Estados-Nação, principalmente a partir do século XIX, houve a imposição de uma história única com o intuito de formar no povo a ideia de um passado comum, tanto pelo reforço de fatos e personagens de cunho heroico, quanto pelo esquecimento de outros acontecimentos e pessoas. Isso se deu por meio de um processo coletivo de aprendizagem:

No século XIX de Unamuno, como na Idade Média de Fernão Lopes, a aprendizagem da História baseia-se no mesmo processo coletivo de aprendizagem de uma verdade “espiritual” escrita, imposta por uma elite masculina e de silenciamento e amnésia compulsórios das verdades, *leyendas* em termos de Unamuno, que contam os que viram e viveram e os que ouviram contar os fatos históricos acontecidos. (LEMAIRE, 2018b, p. 64)

Ou seja, para a autora, a maneira como foi organizado o ensino de história, pelos Departamentos de História e Letras, e nós estendemos para a Filosofia,

contém um olhar sobre o passado que foi contaminado pela historiografia do século XIX. O passado que nos é dado a conhecer é constituído por documentos selecionados e prontos para validar a violência prescrita aos silenciados, compondo também o cânone dos grandes gênios nas áreas citadas, como por exemplo:

Em finais do século XIX se fundam, nas universidades, os departamentos de línguas e literaturas nacionais. Os professores vão pesquisar, redigir e ensinar as Histórias da Literatura (inglesa, alemã, italiana, portuguesa, brasileira...) dentro do mesmo espírito e com os mesmos métodos de seleção, organização, estruturação e estetização dos colegas dos departamentos de História nacional. Organizadas sob forma de “genealogia” de gerações de heróis-escritores geniais e nacionais, elas silenciam as vozes das tradições orais e regionais, das mulheres, de autores das classes subalternas, ao justificar a sua exclusão do cânone-genealogia com o argumento da sua inferioridade e da falta de “coragem”, quer dizer: de gênio, de cultura, de formação. (LEMAIRE, 2018b, p. 65)

Sobre a relação entre a educação e a valorização daquilo que é mental, do racional, Lemaire (2018a) expõe que, antes do estabelecimento do cristianismo na Europa, operavam duas formas de educação: a educação da mulher e a educação do homem. Ela apresenta como era concebida a educação das mulheres, por meio de um dos poucos resquícios dessa agência antiga encontrada na Idade Média:

Um corpus medieval de umas cem cantigas de amigo paralelísticas dialogadas galego-portuguesas é, na Península Ibérica, o que mais reminiscências oferece do mundo das mulheres de outrora. Baseava-se numa concepção cósmica e mágica do mundo, naquele conhecimento ou “ciência” complexa das interconexões e interações cósmicas entre todos os componentes do universo. Trata-se de um conhecimento ancestral profundo, ao mesmo tempo prático, concreto, mental, espiritual e mágico. A sua aprendizagem fazia parte das atividades da vida cotidiana. Integrado nelas, ele é, antes de mais nada, um fazer (MALINOWSKI, 1925) e um agir (JOUSSE, 1925), mas que tem sido, desde a Idade Média até agora, vilipendiado e perseguido pelos poderes públicos e eclesiásticos como sendo heresia e superstição. (LEMAIRE, 2018a, p.19)

Sobre a educação dos homens, a autora expõe que ocorria por meio dos cantos épicos que valorizavam os feitos dos guerreiros, tornando-os heróis. Isso enaltecia a posição social desses homens, sendo constantemente repetidas as glórias do passado. Aqui, já vemos diferenças significativas entre as duas formas de educação:

Comparada à poesia feminina, a poesia épico-narrativa oferece as ferramentas pedagógico-didáticas para um tipo de educação bem diferente, sendo que a aquisição do conhecimento do Passado histórico – e das invenções acrescentadas! – tornou-se predominantemente mental. É outra

forma de educação, já que o conhecimento não é mais coproduzido por educadores e aprendizes no decorrer de um processo cognitivo baseado na unidade e cooperação de corpo, mente, emoção e espírito. Ela é monólogo declamado por um poeta que comunica o conhecimento a um círculo de ouvintes-aprendizes; produção e recepção são dois processos separados. A linguagem poética ritmada, os versos declamados ou cantados ensinam no Presente não a experiência e a verdade dos eventos da vida vivida no passado, mas uma narrativa (WHITE, 1973) que reinventa e amplifica um Passado mitificado, não só para educar novos heróis para o Futuro da comunidade toda, como também para fortalecer e perpetuar a posição social, o poder e os interesses da elite guerreira masculina da qual eles vão fazer parte. (LEMAIRE, 2018a, p.24.)

A autora comenta que essas duas formas de educação faziam leituras diferentes da natureza e que, com a chegada do cristianismo, a forma feminina foi, em alguns aspectos, transfigurada para uma transmissão pelo masculino, na figura dos trovadores, e, em outros, demonizada. O legado disso é que a educação masculina, “uma educação baseada numa estrutura mental, racional e radicalmente dicotômica” (LEMAIRE, 2018a, p. 24), prevaleceu:

Não é difícil de enxergar, desde já, qual dos dois tipos de “leitura da natureza” estão disponíveis desde as origens da civilização ocidental e que adquirirá progressivamente o monopólio no mundo moderno, tornando-se o modelo único do conhecimento, da ciência, da educação e da sua historiografia única e oficial. A Idade Média, em todos os domínios da vida humana, ainda mantém inúmeros usos, práticas e estruturas (linguísticas, sociais, culturais, científicas) que lembram a existência de dois mundos, mais ou menos independentes, mas complementares: o dos homens e o das mulheres, de duas linhagens, educações, literaturas, ciências, medicinas e vivências religiosas. (CALADO, 2015). (LEMAIRE, 2018a, p. 24)

A educação foi capturada e assim organizada pelas bases que se estabelecem com a modernidade. No contexto do capitalismo, passou a ser considerada como um serviço. Foi dominada pelo Estado, com seus mecanismos de controle social; a escola tornou-se o local mais apropriado (o único capaz e válido) para tal serviço. A aprendizagem escolarizada é o produto das instituições, como aponta Illich (1979):

Sua imaginação é “escolarizada” a aceitar serviço em vez de valor. Identifica erroneamente cuidar da saúde com tratamento médico, melhoria da vida comunitária com assistência social, segurança com proteção policial, segurança nacional com aparato militar, trabalho produtivo com concorrência desleal. Saúde, aprendizagem, dignidade, independência e faculdade criativa são definidas como sendo um pouquinho mais que o produto das instituições que dizem servir a estes fins. (ILLICH, 1979, p.21).



A escolarização, para Illich (1979), se mostra como algo mais do que uma esfera atingida pela lógica moderna; transforma-se em um mecanismo de regulação social, de modo que “não apenas a educação, mas também a própria realidade social tornou-se escolarizada”. (ILLICH, 1979, p.23).

Sendo a colonialidade<sup>17</sup> uma das bases sob as quais se ergue a modernidade, é parte fundante da estrutura e mentalidade desse período. Para Castro-Gómez:

[...] quando falamos da modernidade como “projeto”, estamos nos referindo também, e principalmente, à existência de uma *instância central* a partir da qual são dispensados e coordenados os mecanismos de controle sobre o mundo natural e social. Essa instância central é o Estado, que garante organização racional da vida humana (...). O Estado é entendido como a esfera em que todos os interesses encontrados na sociedade podem chegar a uma ‘síntese’, isto é, o *locus* capaz de formular metas coletivas válidas para todos. (CASTRO-GÓMEZ, 2005, pp. 81-82, modificado)

E como tudo isso se relaciona com a Filosofia? Ora, o que está em jogo para nós é o ensino de Filosofia, escolarizado e localizado num país latino-americano colonizado, atingido pela lógica moderna, que continua difundindo uma tradição masculina que por ignora outros sujeitos do pensamento, bem como nos mostra querer muito manter o cânone estabelecido. O que apresentamos aqui, ao insistir na crítica da modernidade, é que, para a manutenção do domínio masculino na sociedade, a escolarização pode ter contribuído enquanto esfera capturada pelo Estado e funcionalmente padronizadora.

A escolarização das atividades humanas, enquanto processo moderno de captura da educação, provoca um distanciamento entre essas atividades e a vida. Esse afastamento, na tentativa de domínio e padronização das atividades humanas, não permite que todas as formas de conhecimento sejam consideradas válidas. Assim, outras maneiras do exercício do conhecimento humano são desvalorizadas, encobertas e silenciadas.

---

<sup>17</sup> Segundo Mignolo (2017) a colonialidade é uma lógica ou racionalidade que permeia a modernidade como aspecto fundamental e inseparável dela no desenvolvimento da civilização ocidental, sendo o colonialismo aspecto de sua constituição. A colonialidade faz parte do vocabulário descolonial já que pretende se contrapor às categorias de pensamento inauguradas e desenvolvidas na modernidade. A colonialidade é razão estruturante da modernidade. De acordo com este autor, o termo foi introduzido por Anibal Quijano e não possui seu conceito esgotado. Ver MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Rev. bras. Ci. Soc. vol.32, nº.94, São Paulo, 2017, p.6.

As mulheres, ficando de fora de uma história geral, como apresentado na primeira seção, ou já confinadas ao âmbito doméstico - segundo uma narrativa masculina - ou ainda, no âmbito do trabalho (de reprodução - casa, filhos, guerra, política etc.), têm suas atividades não sendo consideradas relevantes para fazer parte da história material da civilização, como também sua exclusão de uma história espiritual das mulheres. E falamos em exclusão porque as mulheres são parte da história e têm parte na história do pensamento e da Filosofia também, mas foram depostas. A ausência das mulheres nos currículos de Filosofia, por exemplo, é fruto da decisão política sobre os currículos oficiais que continuam o projeto de nação iniciado no século XIX.

Alguns estudiosos e algumas estudiosas se ocuparam e se ocupam do estudo das mulheres e sua contribuição intelectual. A primeira vez que é publicado um livro sobre a história das mulheres na filosofia é em 1690, obra de Gilles Ménage intitulada "*Historia mulierum philosopharum*". É curioso, pois somos apresentados a diversas enciclopédias e doxografias durante o curso de filosofia, mas a maioria não contém mulheres - ou contém pouquíssimas - e não vemos o que sabia Gilles Ménage no início da modernidade sendo divulgado em obras de referência atuais.

Percebemos a necessidade de se considerar as questões de gênero nos cursos de Filosofia no Brasil – nos currículos, nas pesquisas e nas publicações. Andrade e Gontijo (2020) apresentam que, na década de 1980, as questões de gênero começaram a permear com mais força o espaço da universidade, pelo menos nas universidades estrangeiras. Porém, isso ainda não foi suficiente para que elas se apresentassem como parte efetiva dos currículos, o que se reflete também na presença e ausência das estudantes nos cursos. Isso é bem evidente para mim, que sou pedagoga. No curso de Pedagogia, foi possível perceber a presença majoritária das estudantes. Agora, no curso de Filosofia, aconteceu o oposto, já que a maioria dos colegas ao longo do curso eram estudantes homens. Esse fato torna inevitável pensarmos em como as áreas de conhecimento mais prático que se aproximam do cuidado e da criança (por exemplo, a Saúde, a Educação e o Serviço Social) contam com mais estudantes mulheres e áreas de conhecimento

consideradas mais teóricas contam com uma maior presença dos homens. Sobre isso, Andrade e Gontijo (2020) apresentam que:

Em relação aos cursos de formação de professores, uma área majoritariamente ocupada por mulheres, todas as licenciaturas da área de humanas têm uma maioria significativa de mulheres entre seu corpo docente. Segundo os dados do Enade 2017, a área de licenciatura em filosofia na modalidade presencial foi representada por uma maioria masculina de 66,8% do total de alunos - número que se acentuava ainda mais no bacharelado, com 73,9%. Tal disparidade de gênero também se salienta entre os pesquisadores que lideram grupos de pesquisa de filosofia cadastrados no CNPq. No grupo das ciências humanas, a área de filosofia apresentava a maior disparidade, com 79% de liderança masculina contra 21% feminina. Por outro lado, cursos como sociologia apresentava paridade de 50%, educação e psicologia uma predominância feminina de 66% (BARRETO, 2014). (ANDRADE; GONTIJO, 2020, p. 259).

Segundo os autores, tendo pelo menos 40 anos da popularização da discussão das questões de gênero, ainda se percebe a dificuldade da presença das mulheres na Filosofia, seja como estudantes, professoras ou pensadoras passíveis de serem estudadas. Percebendo essa disparidade de gênero nos diversos cursos universitários, Andrade e Gontijo (2020) mostram que, na área de Filosofia, existem diversas associações acadêmicas, nacionais e internacionais, voltadas para o debate e a informação, com divulgação de pesquisas sobre as relações de gênero no contexto da academia e do mundo do trabalho, além da promoção e divulgação de pensadoras e obras femininas.<sup>18</sup>

Proponho, agora eu, um exercício a você, leitor(a): faça uma lista das mulheres filósofas com as quais teve algum contato, no sentido de estudar seus textos e suas contribuições em alguma disciplina obrigatória em Filosofia. Para mim, foi bem fácil fazer a lista dos filósofos da tradição no início deste trabalho. Porém, nem sempre é uma tarefa fácil reconhecer nosso contato com as filósofas.

---

<sup>18</sup> Australasian Association of Philosophy, American Philosophical Association (APA), The Society for the Study of Women Philosophers (SSWP) (sociedade constituinte da APA), Collegium of black women philosophers - “no último material da UNESCO sobre o ensino de filosofia no mundo, Philosophy a School of Freedom (2007), podemos encontrar indicações explícitas e proposições para considerar e pensar soluções ao problema da disparidade entre mulheres e homens na filosofia”. Asociación Argentina de Mujeres en Filosofía (AAMEF) (revista Hiparquia).GT Filosofia e Gênero da ANPOF e Rede Brasileira de Mulheres filósofas. (ANDRADE e GONTIJO, 2020, pp. 261-262, modificado).

Aliado aos resultados dos exercícios propostos por Wuensch (2005) e por mim também vamos conferir, a seguir, as ementas/programas das disciplinas obrigatórias do curso de Filosofia (licenciatura e bacharelado) da Universidade de Brasília que estão no ANEXO ao final deste trabalho.

Nenhuma das ementas verificadas apresenta filósofas na bibliografia básica: nem nas disciplinas do grupo das *histórias* da Filosofia, nem nas disciplinas de áreas da Filosofia que são obrigatórias no currículo.

E com as pesquisas acumuladas nas últimas décadas, seria razoável reivindicar pelo menos uma em destaque, em cada ementa? Pois mesmo que os docentes responsáveis pela disciplina aleguem não conhecer tais filósofas, o círculo acrítico da reprodução do cânone poderia ser rompido com a colaboração dos estudantes, dando assim um passo na direção de uma formação filosófica mais plural, minimamente plural em termos de gênero.

No que se refere à bibliografia complementar, seis, das catorze ementas, apresentam trabalhos de autoras. Se “de cabeça” é difícil listarmos as filósofas que integraram nosso percurso na Filosofia enquanto estudantes, com as bibliografias básicas e complementares em mãos, conseguimos elaborar uma lista enxuta baseada nas ementas atuais de disciplinas obrigatórias: Franca D’Agostini, Marilena Chauí, Nicole Loraux, Rebecca Goldstein, Hannah Arendt e Martha Nussbaum.

Vale ressaltar, como também lembram Andrade e Gontijo (2020), que, embora os programas de curso estejam ancorados nos documentos que regulamentam o ensino de Filosofia, os docentes:

[...] têm a prerrogativa para decidir qual conteúdo ou abordagem privilegiar, assim como quais recursos e bibliografias utilizar. (MASETTO, 2012, p.33). Os pressupostos que norteiam estas escolhas são vários e vão desde a adequação à proposta curricular do curso, o tipo de conhecimento de que o docente dispõe até as concepções e posturas diante da área em que atua. Assim, podemos afirmar que os programas dos cursos refletem não apenas as exigências institucionais, mas, também, concepções e posicionamentos teóricos, ao mesmo tempo em que endossam e informam as expectativas de aprendizagens acerca de uma área do conhecimento. (ANDRADE e GONTIJO, 2020, p. 264-265).

Sendo assim, fazendo este rápido exercício de análise das ementas de disciplinas obrigatórias do curso de Filosofia da Universidade de Brasília, podemos perceber que o que se apresenta é a disparidade de gênero e a confirmação do cânone. Com este exercício, nos limitamos a verificar a presença de mulheres nas bibliografias indicadas nos programas de curso. Andrade e Gontijo (2020) foram mais além, criando 4 categorias de análises em sua pesquisa:

1. Gênero como objetivo central: pesquisa de quantas disciplinas ofertadas tem como principal objetivo a investigação filosófica de questões de gênero;
2. Pensadoras como objetivo central: pesquisa de quantas disciplinas ofertadas tem como principal objetivo investigar concepções teóricas de pensadoras;
  - 2.1 Pensadoras ou questões de gênero no conteúdo programático: busca por quantas disciplinas trabalham ideias de pensadoras, ou questões de gênero, ainda que de maneira secundária em seu conteúdo programático.
3. Referência bibliográfica com mulheres: busca a quantidade de disciplinas que trazem alguma obra de autoria feminina em seu referencial bibliográfico. Nesta abordagem, as disciplinas foram divididas em três grupos. Procuramos, com estas divisões, identificar a presença ou ausência de referencial feminino na pesquisa, levando em conta as particularidades destas disciplinas, como relevância no currículo e na formação filosófica e metodologia e arcabouço teórico utilizado;
  - 3.1 Disciplinas da tradição filosófica: de histórias da filosofia, de filosofia social, filosofia política, ética, filosofia da arte, da literatura, estética, lógica, epistemologia, teoria do conhecimento, metafísica e outras afins. Também consideramos disciplinas da tradição filosófica aquelas voltadas para o estudo de um tema específico sob a visão de um (a) pensador (a) da tradição;
  - 3.2 Disciplinas da formação pedagógica em filosofia: didática do ensino de filosofia e estágio supervisionado - ofertadas aos estudantes do curso de licenciatura;
  - 3.3 Disciplinas de metodologia da pesquisa em filosofia. Como de leitura de textos filosóficos.
4. Total de referências: quantifica as referências às obras escritas por mulheres, em relação à quantidade geral de referências nas bibliografias utilizadas. (ANDRADE e GONTIJO, 2020, p. 266-267)

Foram analisados por esses autores 383 programas de cursos de 15 universidades públicas brasileiras das cinco regiões do país: Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Sergipe, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Paraná, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade de São Paulo, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal Fluminense, Universidade de Campinas, Universidade de Brasília, Universidade Federal de Goiás.

No que se refere à primeira categoria, só foram encontradas duas disciplinas com o objetivo de investigação filosófica de questões de gênero. Os autores expõem que um fator que pode dificultar a entrada de questões de gênero nos cursos de Filosofia é a caracterização dessa área como “teórico-conceitual” (ANDRADE e GONTIJO, 2020), fazendo com que se mantenha distante dos aspectos da vivência social e política, por exemplo. Nesse sentido, como já apresentamos anteriormente, Wuensch (2005) também expõe que esse caráter, por assim dizer, de tradição metafísica, descolado da realidade, é um dos aspectos que influencia Hannah Arendt a não se autodesignar como “filósofa”.

Na segunda categoria, Andrade e Gontijo (2020) procuram pelas pensadoras nas ementas. O resultado encontrado é o seguinte: três disciplinas se propõem a trabalhar com pensadoras e suas ideias enquanto temáticas centrais e dezesseis têm alguma inclusão de pensadoras ou questões de gênero no conteúdo do programa de curso. Ainda nessa categoria, chama a atenção o fato de que não foram encontradas nem mulheres, nem aspectos da questão de gênero, em seis das universidades analisadas. Outro ponto importante que essa pesquisa sublinha é a presença de mulheres negras e brasileiras nos programas de curso, que parece ser ínfima, entre outras pensadoras, o que reforça que o padrão branco e europeu prevalece. Vemos que a lógica social que expusemos no Lado A deste trabalho segue operando. Hannah Arendt, que parece gozar de certo reconhecimento, é a pensadora que mais aparece nas ementas analisadas. A pequena presença das pensadoras nos conteúdos programáticos e, entre essas, menor ainda de mulheres negras e latino-americanas, mostra que elas existem e faz emergir a pergunta do porquê de sua ausência:

O que se procura argumentar é que a visibilidade destas mulheres interroga, ao mesmo tempo, o significado desta ausência. Também lança desconfiança sobre a tradição da negação, incitando a pergunta em saber: se elas existem, por que não conhecemos as mulheres pensadoras? Ou, seguindo o questionamento de bell hooks, por que estudantes de filosofia não conhecem as intelectuais negras? E, acrescentamos, por que também não conhecemos uma história do pensamento que incluía as pensadoras latinas ou brasileiras? (ANDRADE; GONTIJO, 2020, p. 271)

Diante desse cenário desolador, os autores apresentam uma proposta. Incluir doses de autoras mulheres nos programas de curso impacta o senso comum, evidencia o sexismo na universidade e contribui para abalar a estrutura vigente. A

situação dos conteúdos programáticos das disciplinas dos cursos de Filosofia, com minoria feminina, marca abertura a possibilidades de enfrentamento.

No que concerne à presença de autoras na bibliografia dos cursos (categoria 3), os autores encontraram como resultado o que segue:

[...] tomadas no total as ementas, constatamos que mais da metade dos programas dos cursos analisados não trazem sequer uma referência de obra de autoria feminina em suas bibliografias. Significa que mais da metade dos programas analisados tem uma bibliografia integralmente composta por obras de autores homens. (ANDRADE; GONTIJO, 2020, p.275).

Percebemos claramente a questão da invisibilização das mulheres e de seu pensamento pela ocultação. Os autores apresentam ainda, nos moldes da quarta categoria, que, do total de referências bibliográficas presentes nas disciplinas dos cursos das universidades analisadas, a presença das mulheres compõe um percentual de 7,67%.

Vários aspectos são discutidos por Andrade e Gontijo (2020) diante dos resultados que encontram como frutos de sua pesquisa. As reflexões apontam para o aspecto das noções de neutralidade e universalidade que pairam sobre a Filosofia enquanto área do conhecimento, para a maior presença das mulheres (como docentes e pesquisadoras) nos nichos que tratam da educação e também para a circularidade, tanto do discurso vicioso, quanto do repertório intelectual.

Tudo isso mostra como, mesmo com os esforços em questionar a história oficial da Filosofia, e com mais ênfase há praticamente 50/40 anos, ainda temos um currículo masculino, que parece se empenhar em ignorar a produção intelectual feminina. O que temos é um currículo que opera em modo de reprodução acrítica, um currículo moderno (nos termos expostos anteriormente) que mantém o apagamento das mulheres e que faz com que Hannah Arendt e Simone de Beauvoir, por exemplo, já não estudem mais uma história da filosofia com mulheres. Mesmo diante de décadas da empreitada constante para a consideração novas narrativas da história da Filosofia Ocidental, que mostrem a produção intelectual de mulheres desde a antiguidade, como por exemplo Safo, Hipárquia, Hipátia de Alexandria, Hildegarda de Bingen, Eloisa de Paráclito, Christine de Pizan, Olympe de Gouges,

Nísia Floresta, Simone de Beauvoir, e tantas outras -, ainda em 2020 precisamos jogar luz sobre esse ocultamento.

Para que o pensamento de mulheres não permaneça invisível, ignorado e inacessível, acreditamos ser necessário compreender e trazer à tona a questão como um problema, além de reconstruir o processo pelo qual pôde ser ocultado e excluído da formação filosófica, procurando rever criticamente a tradição dominante e estudando as pensadoras até agora ignoradas pelos departamentos de Filosofia. À luz do pensamento de Walter Benjamin (2019), entendemos que é importante refletir sobre os enquadramentos epistemológicos viciados, a fim de “libertar o passado da história”, e assim liberar o presente para o futuro, que está em aberto. Sacudindo a grade “posta”, há liberação para ver (desvelar) outras coisas. Neste caso, a grade curricular de Filosofia.

A quebra de paradigma da tradição androcêntrica do pensamento filosófico torna as mulheres transgressoras, segundo Rosa:

Transgredir na Filosofia implica questionar como podemos transgredir na Filosofia como mulheres, a fim de sermos (re)conhecidas. Quem são as mulheres filósofas? Onde estão as mulheres na filosofia? Quais os pensamentos das filósofas acerca dos diferentes temas filosóficos? Transgredir na Filosofia implica ir além daquilo que vem sendo pensado e problematizado na história do pensamento filosófico, atravessando as “fronteiras do pensamento filosófico”. (ROSA, 2015, p.34)

Além de apontar os problemas e mostrar como se constituiu a Filosofia nos espaços de educação formal em uma sociedade com referencial masculino, para transgredir, é necessário pensar em:

Como mudar essas práticas de ensino literário, artístico e outro, que formam, formatam e habitam inconscientemente o ser humano para ele aceitar e admirar como arte, beleza, justiça, direito, ciência ou verdade, atos, discursos e obras que propagam, explícita e implicitamente, - e através da sua estrutura dicotômica básica - a violência, a exclusão, o silenciamento, a distorção e outros horrores. (LEMAIRE, 2018b, p. 74).

Incorporar as questões de gênero e a produção feminina nos programas de curso institucionais e nas práticas cotidianas do ensino de Filosofia nas escolas e universidades é um avanço no reconhecimento de pensadoras, e uma forma de não mais contribuir com as práticas da ignorância e violência epistemológica nesse âmbito. Assim, torna-se possível cultivar uma formação de profissionais da



educação, homens e mulheres, que transgridam por quebrar a circularidade da transmissão do cânone androcêntrico, estabelecido pelo ocultamento da existência de mulheres pensadoras.

## Conclusão

Percorrido esse caminho, percebemos que a Filosofia Ocidental que aprendemos e ensinamos está alicerçada em um projeto colonial, europeu, branco, masculinista e heteronormativo que se empenha em divulgar e embutir seu pensamento como verdade, pela ciência e pela história (única), ignorando e silenciando vozes de mulheres e de populações marginalizadas, como outras fora da norma.

A maioria dos autores que trouxemos para dialogar conosco concorda que a modernidade se inaugura com as grandes navegações. O projeto colonial, portanto, constitui-se com a expropriação – que é o fundamento do capital – e com uma série de invenções técnicas que mudaram a maneira de ver e agir no mundo e, ainda mais, impuseram determinados preceitos e normas que afetam diretamente a diversidade do mundo e das populações e suas culturas. A revolução científica moderna inaugura também uma nova forma de conceber a educação e assim, um novo currículo se estabelece em favor dos projetos de Estados-nação. A ordem vigente estabelece um universalismo a preço de excluir parte da população destes Estados, e a afirmação do Homem como gênero masculino resulta na exclusão da contribuição das mulheres intelectuais dos currículos nacionais.

Para os currículos dos cursos de Filosofia, isso tem impacto, até hoje.

Se na história, “em geral”, as mulheres não são lembradas como sujeitos relevantes - estão confinadas ao âmbito doméstico segundo uma narrativa masculina, ou ainda, no âmbito do trabalho, seus esforços não aparecem como relevantes, sendo subordinados à reprodução da vida do homem (casa, filhos, guerra e política) -, é porque estão à margem da história da civilização. Tampouco serão consideradas como parte de uma história intelectual, científica e filosófica. Por isso, nosso trabalho propôs a discussão da história e da sociedade para compreender o processo de desaparecimento das filósofas dos currículos de Filosofia.

Urge questionar o cânone herdado da historiografia filosófica dos cursos de Filosofia apresentada exclusivamente no masculino, que prossegue ocultando outras tradições de pensadoras que vêm desde Safo, Diótima, Hipárquia, Hipátia, Christine de Pizan e tantas outras; e buscar pluralizar as narrativas filosóficas, incluindo as mulheres.

## Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2002.

ANDRADE, Marta Mega. A “Cidade das Mulheres”: a questão feminina e a pólis. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Org); FEITOSA, Lourdes Conde. (Org); SILVA, Glydson José da (Org). **Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003. p. 115 – 147.

ANDRADE, Megue Magalhães de. **Corpos à margem e o ethos filosófico: para pensar gênero e a filosofia**. 2018. 121 f., il. Dissertação (Mestrado em Metafísica) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ANDRADE, Megue Magalhães de; GONTIJO, Pedro Erginaldo. Uma interrogação acerca da relação entre a filosofia e as mulheres na universidade. In: **Problemata: R. Intern. Fil.** V. 11. n. 3 (2020), p. 258-281.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 13 ed. rev. – [Reimpr.]. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

BELEBONI, Renata Cardoso. O leito de Procusto: o gênero na Grécia antiga. In: FUNARI, Pedro Paulo A. (Org); FEITOSA, Lourdes Conde. (Org); SILVA, Glydson José da (Org). **Amor, desejo e poder na Antiguidade: relações de gênero e representações do feminino**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2003. P. 149 – 162.

BENEDICTO, R. M. As Origens Africanas da filosofia Grega: Mito ou Realidade?. In: II Congresso Nacional de Professores [e] XII Congresso Estadual sobre Formação de Educadores, 2014, Águas de Lindóia. **Anais eletrônicos...** Águas de Lindóia: Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação. – São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2014. Disponível em: <[https://www.geci.ibilce.unesp.br/logica\\_de\\_aplicacao/site/index\\_1.jsp?id\\_evento=3](https://www.geci.ibilce.unesp.br/logica_de_aplicacao/site/index_1.jsp?id_evento=3)>. Acesso em: 16 de mai. de 2020.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **O anjo da história**. Organização e tradução João Barrento. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, pp. 9-20.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Colección Sur Sur, CLACSO. Buenos Aires, AR: Editora, 2005, p. 80-87.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

LEMAIRE, Ria. Patrimônio e matrimônio: proposta para uma nova historiografia da cultura ocidental. In: **Educ. rev.** [online]. 2018a, vol.34, n.70, Jul-Ago, Curitiba, pp. 17-33. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.58617>>. Acessado em 16 de nov. de 2020.

LEMAIRE, Ria. Patrimônio e Matrimônio II: Repensar a Historiografia das Literaturas Nacionais. In: **Estudos Linguísticos e Literários.** [online]. Nº 59, Jan-Jun. 2018b, Salvador: pp. 54-75. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28853/17095>>. Acessado em 16 de nov. de 2020.

LOPES, Maria José Ferreira. De Pandora a Eva: fontes antigas da misoginia ocidental. In: **Revista Diacrítica**, v. 26, no. 2, Braga, 2012, p. 489 – 510.

MARTINO, Giulio de; BRUZZESE, Marina. **Las Filósofas. Las mujeres protagonistas en la historia del pensamiento.** Tradução Mónica Poole. Madrid: Ediciones Cátedra, Universitat de València/Instituto de la mujer, 1996.

MÉNAGE, Gilles. **Historia de las mujeres filósofas.** Barcelona: Herder Editorial, 2009.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade.** 2008, nº 34, p. 287-324.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. In: **Revista brasileira de Ciências Sociais.** vol.32, nº.94, São Paulo, 2017.

MURARO, Rose. Breve Introdução Histórica. In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras.** 20ª ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2009.

OSMAN, Elzahra. Retóricas de descolonização do pensamento: projeto epistêmico islâmico- feminista contra a colonialidade do saber. In: **Problemata: R. Intern. Fil.** Dossiê especial (2015), p. 283-316.

PACHECO, Juliana Borges da Silva. Mulher e filosofia: onde estão as filósofas?. In: XIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS, 2014, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. n.p. Disponível em: <<https://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/semanadefilosofia/XIII/15.pdf>>. Acesso em: 17 de out. de 2020.

PACHECO, Juliana. Onde estão as Mulheres na Filosofia?. In: PACHECO, Juliana (Org.). **Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico.** Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, pp. 14 – 32.

PLATÃO. **Timeu-Crítias.** Tradução do grego, introdução, notas e índices de Rodolfo Lopes. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. 1ª Edição, 2011, Imprensa da Universidade de Coimbra (Coimbra University Press).

RAMOSE, M. B. Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. In: **Ensaio Filosóficos**, Volume IV, outubro/2011. p. 6 – 23.

ROSA, Graziela Rinaldi da. Transgressões, subversões e as margens do pensamento filosófico. In: PACHECO, Juliana (Org.). **Mulher e filosofia: as relações de gênero no pensamento filosófico**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015, pp. 33 – 60.

SASSI, Maria Michela. **Os inícios da filosofia: Grécia**, S. Paulo, Edições Loyola, p. 201-204.


WUENSCH, Ana Miriam. Sobre as mulheres, pensadoras e currículos de filosofia”. In: RIBAS, Maria Alice C. et al.(org.). **Filosofia e Ensino: a Filosofia na Escola**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2005, pp.93-110.Coleção Filosofia e Ensino, vol.7.

**ANEXO:**

Ementa de disciplinas obrigatórias do curso de Graduação em Filosofia da UnB

Disponível em Matrícula WEB UnB - Acessado em 22 de outubro de 2020

<<https://matriculaweb.unb.br/graduacao/curriculo.aspx?cod=3336>>

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

1. Identificação da Disciplina		
Resp.	Código	Nome
FIL	201448	Introdução à prática filosófica
<p>Ementa:</p> <p>Introduzir o discente à prática filosófica, enfatizando a especificidade do texto filosófico e a reflexão acerca da natureza da filosofia. Pensar a filosofia em relação à sua história e à sua institucionalização como saber acadêmico, levantando diversas perspectivas, abordagens e métodos de interpretação e análise dos textos e problemas filosóficos. Possibilitar o aprimoramento da técnica da leitura rigorosa, isto é, a capacidade do exame interno e estrutural de conceitos e noções em um texto, além das habilidades de argumentação oral e escrita. Por fim, facultar a reflexão sobre doutrinas, o questionamento de teses e a compreensão e formulação de conceitos como atividades essenciais à filosofia e ao exercício da crítica.</p> <p>Práticas pedagógicas: O que é ler um texto filosófico? Como se lê um texto de filosofia? Ferramentas de leitura e escrita: fichamentos, resenhas, explicação e comentário crítico. Propiciar a leitura, a análise, a problematização, a interpretação e redação de textos. O que significa escrever um ensaio ou artigo na academia? Quais são os procedimentos e as normas usualmente utilizadas? Que relações estabelecer entre as fontes primárias e fontes secundárias? E na escola? O que significa escrever um trabalho? Como fazê-lo?</p> <p>Atividades práticas: produção de texto em várias modalidades (fichamento, comentário, explicação, resenha); questões metodológicas sobre leitura de textos filosóficos.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Sobre o papel da filosofia</li> <li>2. A filosofia e sua história</li> <li>3. Possibilidades de leituras filosóficas</li> <li>4. Filosofia e filosofias</li> <li>5. A filosofia e outras áreas do saber (política, ciências, artes)</li> <li>6. Filosofia e realidade nacional</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?, in: Textos seletos			
Autor: Immanuel KANT	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 1995
Título: Schopenhauer como educador			
Autor: Friedrich NIETZSCHE	Local: São Paulo	Editor: Mundaréu	Ano: 2018
Título: Problemas de filosofia			
Autor: Bertrand RUSSELL	Local: Lisboa	Editor: Edições 70	Ano: 2011
Título: A religião de Platão			
Autor: Victor GOLDSCHMIDT	Local: São Paulo	Editor: Difel	Ano: 1970
Título: Introdução à filosofia			
Autor: Martin HEIDEGGER	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2009
Título: A filosofia e seu ensino			
Autor: Paulo ARANTES	Local: São Paulo	Editor: Brasiliense	Ano: 1993

Bibliografia complementar:
----------------------------

Título: Analíticos e continentais			
Autor: Franca D'AGOSTINI	Local: São Leopoldo	Editor: Unisinos	Ano: 2002
Título: A filosofia e a visão comum do mundo			
Autor: Bento PRADO Jr. et al.	Local: São Paulo	Editor: Brasiliense	Ano: 1981
Título: As origens do pensamento grego			
Autor: Jean-Pierre VERNANT	Local: São Paulo	Editor: Bertrand Brasil	Ano: 1996
Título: Sentido da formação			
Autor: Paulo ARANTES	Local: Rio de Janeiro	Editor: Paz e Terra	Ano: 1997
Título: Racionalidade e crise			
Autor: Carlos Alberto R. MOURA	Local: São Paulo	Editor: Discurso / UFPR	Ano: 2001



	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
	EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA

Resp.	Código	Nome
FIL	201405	Introdução à história da filosofia
<p>Ementa:</p> <p>Há duas formas fundamentais pelas quais se pode promover uma introdução à relação entre filosofia e história. Por um lado, filosofias são, em geral, filhas de seu próprio tempo histórico. São marcadas, por conseguinte, por uma determinação proveniente das linhas mestras, materiais e espirituais, do momento histórico que assiste ao seu surgimento, retroagindo, muitas vezes, sobre a compreensão que as comunidades históricas têm de si mesmas e do mundo circundante. Por outro lado, por ser uma atividade humana já milenar, a filosofia não somente está na história, como ainda tem uma história. A disciplina pretende ser uma introdução à história da filosofia capaz de tornar os ingressantes no curso de filosofia familiarizados com a dupla maneira, descrita acima, pela qual filosofia e história podem se relacionar.</p> <p>Práticas pedagógicas: Ferramentas de leitura e escrita: fichamentos, resenhas, explicação e comentário crítico. Propiciar a leitura, a análise, a problematização, a interpretação e redação de textos. O que significa escrever um ensaio ou artigo na academia? Quais são os procedimentos e as normas utilizadas? Que relações estabelecer entre as fontes primárias e fontes secundárias? E na escola: o que significa escrever um trabalho, e como fazê-lo?</p> <p>Atividades práticas: produção de texto em várias modalidades (fichamento, comentário, explicação, resenha); questões metodológicas sobre leitura de textos filosóficos.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O surgimento da filosofia</li> <li>2. Filosofia, história e intertextualidade</li> <li>3. Filosofia e crítica</li> <li>4. Filosofia e os processos de racionalização/secularização</li> <li>5. Filosofia, teoria e prática</li> <li>6. Filosofia e história da filosofia</li> <li>7. Filosofia, política e sociedade</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: A república			
Autor: PLATÃO	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 1993
Título: A política			
Autor: ARISTÓTELES	Local: Lisboa	Editor: Vega	Ano: 1998

Título: Fragmentos sobre a história da filosofia			
Autor: Arthur SCHOPENHAUER	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2007
Título: Introdução à história da filosofia			
Autor: Georg W. F. HEGEL	Local: Lisboa	Editor: Edições 70	Ano: 2015
Título: História da filosofia: de Tomás de Aquino a Kant			
Autor: Martin HEIDEGGER	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2009
Título: Dialética do esclarecimento			
Autor: Theodor ADORNO & Max HORKHEIMER	Local: Rio de Janeiro	Editor: Jorge Zahar	Ano: 1985

Bibliografia complementar:

Título: A filosofia e sua história			
Autor: Gérard LEBRUN	Local: São Paulo	Editor: Cosac & Naify	Ano: 2006
Título: Introdução à história da filosofia, vol. 1			
Autor: Marilena CHAUI	Local: São Paulo	Editor: Cia das Letras	Ano: 2002
Título: Introdução à história da filosofia, vol. 2			
Autor: Marilena CHAUI	Local: São Paulo	Editor: Cia das Letras	Ano: 2018
Título: Filosofia do iluminismo			
Autor: Ernst CASSIRER	Local: Campinas	Editor: Unicamp	Ano: 1994
Título: O discurso filosófico da modernidade			
Autor: Jürgen HABERMAS	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2002
Título: História e verdade			
Autor: Paul RICŒUR	Local: Rio de Janeiro	Editor: Forense	Ano: 1968
Título: Arqueologia do sujeito			
Autor: Alain de LIBERA	Local: São Paulo	Editor: Unifesp	Ano: 2013

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	206512	Filosofia antiga
<p>Ementa:</p> <p>Visão panorâmica e crítica das origens do pensamento ocidental, através do estudo de seus protagonistas e dos temas mais relevantes, de maneira especial dedicando-se ao estudo dos filósofos pré-socráticos e ao surgimento do movimento socrático e sofístico, Aristóteles, a filosofia helenística e aquela do platonismo tardio.</p> <p>Práticas pedagógicas: Observar a diversidade de escrita na história da filosofia antiga e nos materiais didáticos que se referem a essa etapa histórica; pensar em estratégias de leitura a partir de textos filosóficos da antiguidade e de ética. Atividades relacionadas à leitura dos textos filosóficos (fichamento, resenhas, explicação/comentário), voltadas às especificidades da temática das disciplinas Ética Filosófica, Lógica Básica e Filosofia Antiga. As possibilidades da Lógica como estratégia argumentativa. Questões éticas em textos não filosóficos.</p> <p>Atividades práticas: produção de texto, avaliação de textos sobre filosofia, sejam eles de divulgação ou acadêmicos, identificação de tipos de discursos em torno da filosofia.</p> <p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. As origens do pensamento ocidental</li> <li>2. Pré-socráticos</li> <li>3. Sócrates e o movimento sofístico</li> <li>4. Platão</li> <li>5. Aristóteles</li> <li>6. Filosofia helenística</li> <li>7. Platonismo tardio</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: O banquete			
Autor: PLATÃO	Local: Belém	Editor: UFPA	Ano: 2011
Título: A república			
Autor: PLATÃO	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 1993
Título: De anima			
Autor: ARISTÓTELES	Local: São Paulo	Editor: 34	Ano: 2006

Título: Da interpretação			
Autor: ARISTÓTELES	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2013
Título: Os filósofos pré-socráticos			
Autor: G. S. KIRK & J. E. RAVEN	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 1994

Bibliografia complementar:

Título: A invenção de Atenas			
Autor: Nicole LORAUX	Local: São Paulo	Editor: 34	Ano: 1994
Título: Os mestres da verdade na Grécia arcaica			
Autor: Marcel DETIENNE	Local: Rio de Janeiro	Editor: Jorge Zahar	Ano: 1988
Título: As origens do pensamento grego			
Autor: Jean-Pierre VERNANT	Local: São Paulo	Editor: Difel	Ano: 2002
Título: O que é filosofia antiga?			
Autor: Pierre HADOT	Local: São Paulo	Editor: Loyola	Ano: 1999
Título: Primórdios da filosofia grega			
Autor: A. A. LONG (Org.)	Local: Aparecida	Editor: Ideias & Letras	Ano: 2008

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	206491	Filosofia medieval
<p>Ementa:</p> <p>Estudo do pensamento filosófico dos protagonistas da Idade Média no seu contexto histórico e em relação à influente produção intelectual anterior de origem grega. Trata-se de examinar, sobretudo, a filosofia medieval do Ocidente latino, ainda que aulas sejam consagradas aos principais pensadores árabes e judeus.</p> <p>Práticas pedagógicas: Pensar o uso da literatura, das artes ou do cinema como ferramentas pedagógicas, a partir dos temas das disciplinas. Análise dos filmes ou obras de arte sob a luz da história da filosofia, sem necessariamente resumir um ao outro. O filme, as obras de arte e a literatura como meios para explicitar a questão da temporalidade quanto às formas de exposição das ideias e do mundo. Elaboração de estratégias de aula, nas quais se conjugam textos filosóficos e outros materiais.</p> <p>Atividades práticas: Planos de aula; análise de materiais auxiliares para as aulas.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A formação da filosofia no mundo cristão. <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1. A patrística grega: Orígenes, Gregório de Nissa, Dionísio Areopagita; as escolas sírias e o seu significado histórico.</li> <li>1.2. A patrística latina. Agostinho.</li> <li>1.3. A crise da cultura no Ocidente com a invasão dos bárbaros e a formação da cultura medieval; os pensadores da transição do mundo antigo para o medieval: Boécio, Isidoro de Sevilha.</li> <li>1.4. O renascimento carolíngio; o primeiro grande sistema medieval: João Escoto Eriugena.</li> <li>1.5. Dialéticos e anti-dialéticos.</li> <li>1.6. A questão dos universais: Abelardo e Ockham.</li> <li>1.7. As escolas de Chartres e de São Vitor.</li> </ol> </li> <li>2. O esplendor do século XIII: <ol style="list-style-type: none"> <li>2.1. Antecedentes: a filosofia árabe e hebraica e a sua intermediação do novo encontro da filosofia cristã com Aristóteles.</li> </ol> </li> </ol>		
<ol style="list-style-type: none"> <li>2.2. O nascimento das universidades.</li> <li>2.3. Reações dos pensadores cristãos a Aristóteles.</li> <li>2.4. As grandes escolas do século XIII: a escola franciscana: Boaventura, Duns Escoto; a escola dominicana: Alberto Magno, Tomás de Aquino.</li> <li>3. A "via moderna": <ol style="list-style-type: none"> <li>3.1. Intensificação do espírito crítico na filosofia cristã.</li> <li>3.2. O nominalismo. O seu predomínio no século XIV.</li> <li>3.3. A mística metafísica de Eckhart.</li> </ol> </li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: O ente e a esecia			
Autor: Tomás de Aquino	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2005
Título: Escritos filosófico-teológicos			
Autor: Boaventura	Local: Porto Alegre	Editor: Edipucrs	Ano: 1998
Título: Escritos filosóficos (Coleção Os Pensadores)			
Autor: John Duns Scoto	Local: São Paulo	Editor: Abril Cultural	Ano: 1979
Título: Obras selecionadas (Coleção Os Pensadores)			
Autor: William Ockham	Local: São Paulo	Editor: Abril Cultural	Ano: 1979
Título: Confissões			
Autor: Agostinho	Local: São Paulo	Editor: Penguin	Ano: 2017

Bibliografia complementar:
----------------------------

Título: Cidade de Deus			
Autor: Agostinho	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 2006
Título: Proslógio (Coleção Os Pensadores)			
Autor: Anselmo	Local: São Paulo	Editor: Abril Cultural	Ano: 1979
Título: A filosofia medieval			
Autor: Alain de LIBERA	Local: São Paulo	Editor: Loyola	Ano: 1998
Título: O espírito da filosofia medieval			
Autor: Étienne Gilson	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2006
Título: A filosofia na idade média			
Autor: Étienne Gilson	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2013

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
	EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA

Resp.	Código	Nome
FIL	207608	Filosofia moderna
<p>Ementa:</p> <p>A disciplina trata da passagem do pensamento do medievo para a investigação moderna, pondo em foco aspectos como a relação entre verdade, liberdade e conhecimento em um panorama histórico-filosófico.</p> <p>Práticas pedagógicas: Pensar o uso da literatura, das artes ou do cinema como ferramentas pedagógicas, a partir do tema da disciplina. Análise dos filmes ou obras de arte sob a luz da história da filosofia, sem necessariamente resumir um ao outro. O filme, as obras de arte e a literatura em relação à questão da temporalidade quanto às formas de exposição das ideias e do mundo. Elaboração de estratégias de aula, nas quais se conjugam textos filosóficos e outros materiais. Estudo de bibliografia auxiliar para a preparação de aulas (materiais paradidáticos, por exemplo) e de recursos de avaliação.</p> <p>Atividades práticas: Planos de aula que não incluam só as atividades e os materiais didáticos a serem utilizados (filme, obras de arte, textos), mas também discussões sobre uso de bibliografia e métodos de avaliação; análise crítica de materiais auxiliares para as aulas.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Dúvida, verdade e método             <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1 A filosofia de Descartes</li> <li>1.2 Assimilações da filosofia cartesiana</li> </ol> </li> <li>2. Verdade, necessidade e liberdade             <ol style="list-style-type: none"> <li>2.1 Os grandes sistemas filosóficos do século XVII</li> </ol> </li> <li>3. Verdade e conhecimento             <ol style="list-style-type: none"> <li>3.1 O problema da causalidade de Hume a Kant</li> </ol> </li> <li>4. Verdade e experiência</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: Meditações de filosofia primeira			
Autor: René DESCARTES	Local: Campinas	Editor: Unicamp	Ano: 2004
Título: Discurso de metafísica e outros textos			
Autor: G. W. LEIBNIZ	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2004

Título: Investigação sobre o entendimento humano e os princípios da moral			
Autor: David HUME	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2004
Título: Ética			
Autor: Baruch ESPINOSA	Local: São Paulo	Editor: Edusp	Ano: 2014
Título: Crítica da razão pura			
Autor: Immanuel KANT	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 2010

## Bibliografia complementar:

Título: Novum organum (Coleção Os Pensadores)			
Autor: Francis BACON	Local: São Paulo	Editor: Abril Cultural	Ano: 1980
Título: Ensaio sobre o entendimento humano			
Autor: John LOCKE	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2012
Título: Novos ensaios sobre o entendimento humano			
Autor: G. W. LEIBNIZ	Local: São Paulo	Editor: Abril Cultural	Ano: 1980
Título: Descartes segundo a ordem das razões			
Autor: Martial GUEROULT	Local: São Paulo	Editor: Discurso	Ano: 2016
Título: A nervura do real			
Autor: Marilena CHAUI	Local: São Paulo	Editor: Cia das Letras	Ano: 1999
Título: Kant e o fim da metafísica			
Autor: Gérard LEBRUN	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2002

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
	EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA

Resp.	Código	Nome
FIL	100609	Filosofia contemporânea
<p>Ementa:</p> <p>A pergunta básica do curso é o que significa a ideia do contemporâneo na filosofia. Neste sentido o curso tenta reconstruir várias possibilidades de ruptura com a Modernidade. Que significa filosofar hoje? Ainda podemos, por exemplo, investigar os fundamentos da filosofia? O que significa, também, a diferença entre o Moderno e Pós-moderno?</p> <p>Práticas pedagógicas: A questão dos recursos didáticos. Os livros, apostilas e outros materiais. Análise e produção de materiais didáticos, partindo do conhecimento adquirido em história da filosofia. Análise das questões histórico/filosóficas à luz dos conteúdos descritos nas orientações curriculares e nos currículos. Produção de materiais que vão desde textos didáticos até vídeos-aula.</p> <p>Atividades práticas: Análise de livros didáticos e/ou textos metodológicos sobre filosofia; análise crítica das orientações curriculares; seminários temáticos programados; produção, a partir dos seminários, de materiais didáticos como textos ou mesmo uma vídeo-aula.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A ruptura teórica com a modernidade</li> <li>2. A ruptura prática com a modernidade</li> <li>3. A ruptura estética com a modernidade</li> <li>4. A ruptura ético-política com a modernidade</li> <li>5. O lugar da psicanálise na crítica filosófica do discurso da modernidade</li> </ol>		



Bibliografia básica:
----------------------

Título: Manuscritos econômico-filosóficos			
Autor: Karl MARX	Local: São Paulo	Editor: Boitempo	Ano: 2004
Título: Genealogia da moral			
Autor: Friedrich NIETZSCHE	Local: São Paulo	Editor: Cia das Letras	Ano: 2003
Título: Meditações cartesianas			
Autor: Edmund HUSSERL	Local: Lisboa	Editor: Rés	Ano: 2001
Título: Ser e tempo			
Autor: Martin HEIDEGGER	Local: Campinas	Editor: Unicamp	Ano: 2012

Título: Matéria e memória			
Autor: Henri BERGSON	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2004
Título: As pulsões e seus destinos			
Autor: Sigmund FREUD	Local: Belo Horizonte	Editor: Autêntica	Ano: 2013
Título: Migalhas filosóficas			
Autor: Søren KIERKEGAARD	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2013
Título: Diferença e repetição			
Autor: Gilles DELEUZE	Local: São Paulo	Editor: Graal	Ano: 2009
Título: Dialética do esclarecimento			
Autor: Theodor W. ADORNO & Max HORKHEIMER	Local: Rio de Janeiro	Editor: Jorge Zahar	Ano: 1985

Bibliografia complementar:
----------------------------

Título: Teoria do agir comunicativo			
Autor: Jürgen HABERMAS	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2012
Título: A escritura e a diferença			
Autor: Jacques DERRIDA	Local: São Paulo	Editor: Perspectiva	Ano: 2014
Título: O anti-Édipo			
Autor: Gilles DELEUZE & Félix GUAT-TARI	Local: São Paulo	Editor: 34	Ano: 2010
Título: A ordem do discurso			
Autor: Michel FOUCAULT	Local: São Paulo	Editor: Loyola	Ano: 1996
Título: Verdade e método			
Autor: Hans-Georg GADAMER	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2015
Título: Totalidade e infinito			
Autor: Emmanuel LÉVINAS	Local: Lisboa	Editor: Edições 70	Ano: 2008
Título: Dialética negativa			
Autor: Theodor W. ADORNO	Local: Rio de Janeiro	Editor: Jorge Zahar	Ano: 2009
Título: A potência do pensamento			
Autor: Giorgio AGAMBEN	Local: Belo Horizonte	Editor: Autêntica	Ano: 2015

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	206474	Epistemologia
<p>Ementa:</p> <p>A disciplina trata de questões e problemas filosóficos que tenham por foco o conhecimento, tais como: a definição de conhecimento, sua natureza e estrutura, suas fontes e fundamentos, bem como a própria possibilidade de sua efetiva existência, tendo em vista o desafio da dúvida cética. São também pontos importantes desses problemas os modos e os tipos de conhecimentos, as perspectivas de validação, a subjetividade, a intersubjetividade e a objetividade do conhecimento, as relações entre conhecimento e poder, os vínculos entre o conhecimento, a racionalidade e a normatividade, o papel do erro e o conceito de verdade, o caráter histórico do conhecimento.</p> <p>Práticas pedagógicas: Pensar o uso da literatura, das artes ou do cinema como ferramentas pedagógicas, a partir do tema da disciplina. Análise dos filmes ou obras de arte sob a luz da história da filosofia, sem necessariamente resumir um ao outro. O filme, as obras de arte e a literatura como meios para explicitar a questão da temporalidade quanto às formas de exposição das ideias e do mundo. Elaboração de estratégias de aula, nas quais se conjugam textos filosóficos e outros materiais.</p> <p>Atividades práticas: Planos de aula; análise de materiais auxiliares para as aulas.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O conceito de conhecimento</li> <li>2. Ceticismo</li> <li>3. Modos, fontes e tipos de conhecimento</li> <li>4. Conhecimento e poder</li> <li>5. Objetividade, subjetividade e normatividade</li> <li>6. Críticas à teoria do conhecimento.</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: Teeteto			
Autor: PLATÃO	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 2012
Título: Meditações de filosofia primeira			
Autor: René DESCARTES	Local: Campinas	Editor: Unicamp	Ano: 2004
Título: Tratado da emenda do intelecto			
Autor: Baruch ESPINOSA	Local: Campinas	Editor: Unicamp	Ano: 2015

Título: Tratado sobre os princípios do conhecimento humano; in: Obras filosóficas			
Autor: George BERKELEY	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2010
Título: Investigação sobre o entedimento humano e os princípios da moral			
Autor: David HUME	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2004
Título: Crítica da razão pura			
Autor: Immanuel KANT	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 2010
Título: Empirismo e filosofia da mente			
Autor: Wilfrid SELLARS	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2008
Título: Mente e mundo			
Autor: John McDOWELL	Local: Aparecida	Editor: Ideias & Letras	Ano: 2005

Bibliografia complementar:

Título: Conhecimento humano: seu escopo e seus limites			
Autor: Bertrand RUSSELL	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2019
Título: Palavra e objeto			
Autor: W. V. O. QUINE	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2010
Título: De certeza			
Autor: Ludwig WITTGENSTEIN	Local: Lisboa	Editor: Edições 70	Ano: 1990
Título: Compêndio de epistemologia			
Autor: J. GRECO & E. SOSA	Local: São Paulo	Editor: Loyola	Ano: 2008
Título: Subjective, Intersubjective, Objective			
Autor: Donald DAVIDSON	Local: Oxford	Editor: Oxford U.P.	Ano: 2001
Título: Knowledge and its limits			
Autor: Timothy WILLIAMSON	Local: Oxford	Editor: Oxford U.P.	Ano: 2004
Título: Rumo ao ceticismo			
Autor: Oswaldo PORCHAT	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2007

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	206504	Lógica
<p>Ementa:</p> <p>Apresentação à lógica e à sua relevância filosófica.</p> <p>Práticas pedagógicas: Observar a diversidade de escrita na história da filosofia antiga e nos materiais didáticos que se referem a essa etapa histórica; pensar em estratégias de leitura a partir de textos filosóficos da antiguidade e de ética. Atividades relacionadas à leitura dos textos filosóficos (fichamento, resenhas, explicação/comentário), voltadas às especificidades da temática das disciplinas Ética Filosófica, Lógica Básica e Filosofia Antiga. As possibilidades da Lógica como estratégia argumentativa. Questões éticas em textos não filosóficos.</p> <p>Atividades práticas: produção de texto, avaliação de textos sobre filosofia, sejam eles de divulgação ou acadêmicos, identificação de tipos de discursos em torno da filosofia.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Elementos de lógica tradicional</li> <li>2. Noções sobre conjuntos</li> <li>3. Lógica simbólica: a linguagem dos conectivos; o cálculo proposicional clássico</li> <li>4. Lógica simbólica: a linguagem dos quantificadores; o cálculo clássico de predicados de primeira ordem</li> <li>5. Consistência e completude da lógica de primeira ordem; noções sobre a incompletude de Gödel</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: Um prelúdio à lógica			
Autor: Hércules A. FEITOSA & Leonardo PAULOVICH	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2005
Título: Lógica: os jogos da razão			
Autor: Guido IMAGUIRE & Cícero A. C. BARROSO	Local: Fortaleza	Editor: UFC	Ano: 2006
Título: Lógica menor			
Autor: Jacques MARITAIN	Local: Rio de Janeiro	Editor: Agir	Ano: 2001

Título: Introdução à lógica			
Autor: César MORTARI	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2001
Título: Lógica elementar			
Autor: Benson MATES	Local: São Paulo	Editor: Cia Ed Nacional	Ano: 1968

Bibliografia complementar:
----------------------------

Título: Lógica de primeira ordem			
Autor: Raymond SMULLYAN	Local: São Paulo	Editor: Discurso/Unesp	Ano: 2009
Título: Lógica: um curso introdutório			
Autor: W. H. NEWTON-SMITH	Local: Lisboa	Editor: Gradiva	Ano: 1998
Título: Teoria ingênua dos conjuntos			
Autor: Paul Halmos	Local: Rio de Janeiro	Editor: Ciência Moderna	Ano: 2003
Título: Lógica e aritmética			
Autor: Augusto Franco de OLIVEIRA	Local: Brasília	Editor: UnB	Ano: 2004
Título: Incompletude: a prova e o paradoxo de Kurt Gödel			
Autor: Rebecca GOLDSTEIN	Local: São Paulo	Editor: Cia das Letras	Ano: 2008

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	202681	Ética filosófica
<p>Ementa:</p> <p>A disciplina tem por objetivo levar o estudante à compreensão da dimensão ética da filosofia, em seus vários desdobramentos históricos e em suas relações tensas com a política. Tal enfoque permite a compreensão da Ética como filosofia prática, situada, portanto, entre questionamentos filosóficos e históricos. Dentro dessa diretriz geral, os tópicos foram elaborados a fim de permitir que o curso possa seguir várias perspectivas.</p> <p>Práticas pedagógicas: Observar a diversidade de escrita na história da filosofia antiga e nos materiais didáticos que se referem a essa etapa histórica; pensar em estratégias de leitura a partir de textos filosóficos da antiguidade e de ética. Atividades relacionadas à leitura dos textos filosóficos (fichamento, resenhas, explicação/comentário), voltadas às especificidades da temática das disciplinas Ética Filosófica, Lógica Básica e Filosofia Antiga. As possibilidades da Lógica como estratégia argumentativa. Questões éticas em textos não filosóficos.</p> <p>Atividades práticas: produção de texto, avaliação de textos sobre filosofia, sejam eles de divulgação ou acadêmicos, identificação de tipos de discursos em torno da filosofia.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Da filosofia da <i>physis</i> à Ética</li> <li>2. Liberdade e necessidade nos sistemas filosóficos modernos e contemporâneos.</li> <li>3. O imperativo categórico kantiano e seus desdobramentos éticos e políticos</li> <li>4. Ética, história e política</li> <li>5. Liberdade e existência</li> <li>6. Questões éticas do pós-guerra</li> <li>7. Questões éticas contemporâneas</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: A república			
Autor: PLATÃO	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 1993
Título: Ethica Nicomachea I.13 - III.8: Tratado da Virtude Moral			
Autor: ARISTÓTELES	Local: São Paulo	Editor: Odysseus	Ano: 2008
Título: Ética			
Autor: Baruch ESPINOSA	Local: São Paulo	Editor: Edusp	Ano: 2014

Título: Fundamentação da metafísica dos costumes			
Autor: Immanuel KANT	Local: São Paulo	Editor: Barcarolla	Ano: 2010
Título: Crítica da razão prática			
Autor: Immanuel KANT	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2003

Bibliografia complementar:
----------------------------

Título: Responsabilidade e julgamento			
Autor: Hannah ARENDT	Local: São Paulo	Editor: Cia das Letras	Ano: 2004
Título: À paz perpétua			
Autor: Immanuel KANT	Local: Porto Alegre	Editor: LP&M	Ano: 2008
Título: Depois da virtude: um estudo em teoria moral			
Autor: Alasdair MACINTYRE	Local: Bauru	Editor: Edusc	Ano: 2001
Título: Lições sobre ética			
Autor: Ernst TUGENDHAT	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 1999
Título: A fragilidade da bondade: Fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega			
Autor: Martha C. NUSSBAUM	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2009



	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	206482	Filosofia política
<p>Ementa:</p> <p>Trata-se de introduzir o estudante nas temáticas mais diversas da filosofia política. A disciplina, por seu caráter peculiar, busca articular questões que perpassam a história da filosofia, abordando autores antigos, modernos e contemporâneos, fornecendo, assim, subsídios para que o aluno possa perceber, no panorama geral da disciplina, a vasta gama de possibilidades críticas e práticas que a filosofia política pode oferecer ao pensamento.</p> <p>Práticas pedagógicas: Pensar o uso da literatura, das artes ou do cinema como ferramentas pedagógicas, a partir dos temas das disciplinas. Análise dos filmes ou obras de arte sob a luz da história da filosofia, sem necessariamente resumir um ao outro. O filme, as obras de arte e a literatura como meios para explicitar a questão da temporalidade quanto às formas de exposição das idéias e do mundo. Elaboração de estratégias de aula, nas quais se conjugam textos filosóficos e outros materiais.</p> <p>Atividades práticas: Planos de aula; análise de materiais auxiliares para as aulas.</p> <p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Ética, política e metafísica na antiguidade</li> <li>2. Ética e política na modernidade: projeto crítico e rupturas</li> <li>3. A questão da liberdade política</li> <li>4. Críticas contemporâneas aos projetos políticos modernos</li> </ol>		


Bibliografia básica:
----------------------

Título: A república			
Autor: PLATÃO	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 1993
Título: Política			
Autor: ARISTÓTELES	Local: Lisboa	Editor: Vega	Ano: 1998
Título: Escritos políticos			
Autor: TOMÁS DE AQUINO	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2011
Título: O príncipe			
Autor: Nicolau MAQUIAVEL	Local: São Paulo	Editor: 34	Ano: 2018

Título: Tratado político			
Autor: Baruch ESPINOSA	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2008
Título: Leviatã			
Autor: Thomas HOBBS	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2014
Título: Dois tratados sobre o governo			
Autor: John LOCKE	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2005
Título: Do contrato social			
Autor: Jean-Jacques ROUSSEAU	Local: São Paulo	Editor: Penguin	Ano: 2011
Título: O capital, livro I			
Autor: Karl MARX	Local: São Paulo	Editor: Boitempo	Ano: 2017

Bibliografia complementar:

Título: Cidade de Deus			
Autor: AGOSTINHO	Local: Lisboa	Editor: C. Gulbenkian	Ano: 2006
Título: Sobre o poder regio e papal			
Autor: João QUIDORT	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 1989
Título: Cadernos do cárcere, vol. 1			
Autor: Antonio GRAMSCI	Local: Rio de Janeiro	Editor: Civ. Brasileira	Ano: 2001
Título: Microfísica do poder			
Autor: Michel FOUCAULT	Local: São Paulo	Editor: Paz e Terra	Ano: 2008
Título: Bios: Biopolítica e filosofia			
Autor: Roberto ESPOSITO	Local: Belo Horizonte	Editor: UFMG	Ano: 2017

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	207616	Estética e filosofia da arte

## Ementa:

A disciplina visa a introduzir os estudantes nas leituras sobre Estética, buscando elaborar filosoficamente noções como as de Belo e de Arte. As estratégias para a análise das questões enunciadas podem tomar vários caminhos, seguindo as grandes linhas gerais constantes no programa.

Práticas pedagógicas: Pensar o uso da literatura, das artes ou do cinema como ferramentas pedagógicas, a partir dos temas das disciplinas. Análise dos filmes ou obras de arte sob a luz da história da filosofia, sem necessariamente resumir um ao outro. O filme, as obras de arte e a literatura em relação à questão da temporalidade quanto às formas de exposição das idéias e do mundo. Elaboração de estratégias de aula, nas quais se conjugam textos filosóficos e outros materiais. Estudo de bibliografia auxiliar para a preparação de aulas (materiais paradidáticos, por exemplo) e de recursos de avaliação.

Atividades práticas: Planos de aula que não só incluam as atividades e os materiais didáticos a serem utilizados (filme, obras de arte, textos), mas também discussões sobre uso de bibliografia e métodos de avaliação; análise crítica de materiais auxiliares para as aulas.

## Programa:

1. Aísthesis: debates em torno da compreensão de uma noção grega
2. Questões sobre o Belo na Renascença
3. Estética como disciplina: Immanuel Kant
4. O Belo e o sublime
5. O pensamento estético romântico
6. Arte e história: Hegel e Marx
7. Estética e sociedade: vanguardas e indústria cultural
8. Estética na contemporaneidade

## Bibliografia básica:

Título: Hípias Maior			
Autor: PLATÃO	Local: Belém	Editor: UFPA	Ano: 2007
Título: Sobre a arte poética			
Autor: ARISTÓTELES	Local: Belo Horizonte	Editor: Autêntica	Ano: 2018

Título: Da pintura			
Autor: Leon Batista ALBERTI	Local: Campinas	Editor: Unicamp	Ano: 1989
Título: Crítica da faculdade de juízo			
Autor: Immanuel KANT	Local: Rio de Janeiro	Editor: Forense	Ano: 2008
Título: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura			
Autor: Walter BENJAMIN	Local: São Paulo	Editor: Brasiliense	Ano: 1987
Título: O que é a literatura?			
Autor: Jean-Paul SARTRE	Local: São Paulo	Editor: Ática	Ano: 1989

Bibliografia complementar:

Título: O belo autônomo: Textos clássicos de estética			
Autor: Rodrigo DUARTE	Local: Belo Horizonte	Editor: Autêntica	Ano: 1997
Título: Escritos sobre arte			
Autor: Charles BAUDELAIRE	Local: São Paulo	Editor: Hedra	Ano: 2008
Título: A origem do drama barroco alemão			
Autor: Walter BENJAMIN	Local: São Paulo	Editor: Brasiliense	Ano: 1987
Título: Teoria da vanguarda			
Autor: Peter BÜRGER	Local: São Paulo	Editor: Cosac & Naify	Ano: 2008
Título: O ornamento da massa			
Autor: Sigfried KRACAUER	Local: São Paulo	Editor: Cosac & Naify	Ano: 2008

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	207624	Filosofia da ciência

**Ementa:**

Estudar a ciência e o conhecimento científico como uma questão para a filosofia. Investigar o conceito mesmo de ciência e a possibilidade de que a filosofia possa fornecer uma teoria unificada da ciência e do conhecimento científico. Como distinguir as ciências das não-ciências? O realismo científico e os problemas relativos à concepção de objetividade dos cientistas. As relações entre filosofia e história da ciência. O desenvolvimento e o avanço do conhecimento científico: as dificuldades da noção de progresso do conhecimento. O papel da experimentação na produção do conhecimento científico. O erro, a falseabilidade e a validação de teorias científicas.

Práticas pedagógicas: Pensar o uso da literatura, das artes ou do cinema como ferramentas pedagógicas, a partir dos temas das disciplinas. Análise dos filmes ou obras de arte sob a luz da história da filosofia, sem necessariamente resumir um ao outro. O filme, as obras de arte e a literatura como meios para explicitar a questão da temporalidade quanto às formas de exposição das ideias e do mundo. Elaboração de estratégias de aula, nas quais se conjugam textos filosóficos e outros materiais.

Atividades práticas: Planos de aula; análise de materiais auxiliares para as aulas.

**Programa:**


1. Teoria da ciência: conceituação
  - 1.1 Epistemologia e teoria da ciência
  - 1.2 Teoria da ciência e história da ciência
2. O programa do empirismo lógico
  - 2.1 A doutrina do Círculo de Viena
  - 2.2 Visão linguística da ciência
3. O debate Popper-Kuhn
  - 3.1 O falseacionismo como proposta metodológica
  - 3.2 A noção de revolução científica
  - 3.3 Lakatos e a concepção de programas de investigação
4. Outras correntes em teoria da ciência
  - 4.1 Bachelard e a noção de espírito científico
  - 4.2 O modelo estruturalista
  - 4.3 Laudan e a noção de progresso
  - 4.4 Van Fraassen e a teoria sintática
  - 4.5 Retorno à dicotomia realismo—antirrealismo

Bibliografia básica:

Título: Representar e intervir: tópicos introdutórios de filosofia da ciência natural			
Autor: Ian HACKING	Local: Rio de Janeiro	Editor: Uerj	Ano: 2011
Título: A formação do espírito científico			
Autor: Gaston BACHELARD	Local: Rio de Janeiro	Editor: Contraponto	Ano: 2002
Título: A lógica da pesquisa científica			
Autor: Karl POPPER	Local: São Paulo	Editor: Cultrix	Ano: 2013
Título: A estrutura das revoluções científicas			
Autor: Thomas KUHN	Local: São Paulo	Editor: Perspectiva	Ano: 2013
Título: A crítica e o desenvolvimento do conhecimento			
Autor: Imre LAKATOS & Alan MUSGRAVE	Local: São Paulo	Editor: Cultrix	Ano: 1979
Título: O progresso e seus problemas			
Autor: Larry LAUDAN	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2011
Título: Estudos de história do pensamento científico			
Autor: Alexander KOYRÉ	Local: Rio de Janeiro	Editor: Forense	Ano: 2011

Bibliografia complementar:

Título: A teoria física: seu objeto e sua estrutura			
Autor: Pierre DUHEM	Local: Rio de Janeiro	Editor: Uerj	Ano: 2014
Título: Curso de filosofia positiva (Coleção Os Pensadores)			
Autor: Auguste COMTE	Local: São Paulo	Editor: Abril Cultural	Ano: 1980
Título: Obras completas de filosofia das ciências			
Autor: Jean CAVAILLÈS	Local: Rio de Janeiro	Editor: Forense	Ano: 2012
Título: Estudos de história de filosofia das ciências concementes aos vivos e à vida			
Autor: Georges CANGUILHEM	Local: Rio de Janeiro	Editor: Forense	Ano: 2012
Título: Falsificação e metodologia dos programas de investigação científica			
Autor: Imre LAKATOS	Local: Lisboa	Editor: Almedina	Ano: 1999
Título: A imagem científica			
Autor: Bas van FRAASSEN	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 2007

	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	100587	Teorias filosóficas da linguagem
<p>Ementa:</p> <p>A disciplina foca em questões filosóficas acerca da linguagem: o significado, o uso, a interpretação, o caráter dos enunciados, a referência, a nomeação, a política das palavras. São também abordadas as formas pelas quais a linguagem é pensada como sendo central para a filosofia.</p> <p>Práticas pedagógicas: A questão dos recursos didáticos. Os livros, apostilas e outros materiais. Análise e produção de materiais didáticos, partindo do conhecimento adquirido em história da filosofia. Análise das questões histórico/filosóficas à luz dos conteúdos descritos nas orientações curriculares e nos currículos. Produção de materiais que vão desde textos didáticos até vídeo-aula.</p> <p>Atividades práticas: Análise de livros didáticos e/ou textos metodológicos sobre filosofia; análise crítica das orientações curriculares; seminários temáticos programados; produção, a partir dos seminários, de materiais didáticos como textos ou mesmo uma vídeo-aula.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Linguagem, pensamento e realidade: entrelaçamentos</li> <li>2. Significado e interpretação: linguagem, mente e verdade</li> <li>3. O problema da referência – vacuidade e indeterminação</li> <li>4. Linguagem e filosofia</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: Lógica e filosofia da linguagem			
Autor: Gottlob FREGE	Local: São Paulo	Editor: Edusp	Ano: 2009
Título: Tractatus Logico-Philosophicus			
Autor: Ludwig WITTGENSTEIN	Local: São Paulo	Editor: Edusp	Ano: 2011
Título: Investigações filosóficas (Coleção Os Pensadores)			
Autor: Ludwig WITTGENSTEIN	Local: São Paulo	Editor: Abril Cultural	Ano: 1980
Título: Quando dizer é fazer			
Autor: John AUSTIN	Local: Porto Alegre	Editor: Artes Médicas	Ano: 1990

Título: O nomear e a necessidade			
Autor: Saul KRIPKE	Local: Lisboa	Editor: Gradiva	Ano: 2012
Título: Porque a linguagem interessa à filosofia?			
Autor: Ian HACKING	Local: São Paulo	Editor: Unesp	Ano: 1999

Bibliografia complementar:

Título: Sobre a essência da linguagem			
Autor: Martin HEIDEGGER	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2014
Título: Hermenêutica em retrospectiva			
Autor: Hans-Georg GADAMER	Local: Petrópolis	Editor: Vozes	Ano: 2012
Título: A gramatologia			
Autor: Jacques DERRIDA	Local: São Paulo	Editor: Perspectiva	Ano: 2013
Título: Varieties of reference			
Autor: Gareth EVANS	Local: Oxford	Editor: Oxford U.P.	Ano: 1982
Título: Inquiries into Truth and Interpretation			
Autor: Donald Davidson	Local: Oxford	Editor: Oxford U.P.	Ano: 2001
Título: O sacramento da linguagem: arqueologia do juramento			
Autor: Giorgio AGAMBEN	Local: Belo Horizonte	Editor: UFMG	Ano: 2011



	Universidade de Brasília - UnB Instituto de Ciências Humanas - IH Departamento de Filosofia - FIL
EMENTA / PROGRAMA DE DISCIPLINA	

Resp.	Código	Nome
FIL	102539	Filosofia geral e metafísica
<p>Ementa:</p> <p>A disciplina aborda os problemas centrais da metafísica focando nos componentes do universo, no problema do ser e da existência, a natureza da ideia de realidade, a essência do tempo, o caráter distintivo da matéria, a dicotomia entre uno e múltiplo. Atenção é dada, igualmente, às suspeitas acerca da metafísica e de suas credenciais, bem como aos projetos alternativos que tal crítica suscitou.</p> <p>Práticas pedagógicas: A questão dos recursos didáticos. Os livros, apostilas e outros materiais. Análise e produção de materiais didáticos, partindo do conhecimento adquirido em história da filosofia. Análise das questões histórico/filosóficas à luz dos conteúdos descritos nas orientações curriculares e nos currículos. Produção de materiais que vão desde textos didáticos até vídeo-aula.</p> <p>Atividades práticas: Análise de livros didáticos e/ou textos metodológicos sobre filosofia; análise crítica das orientações curriculares; seminários temáticos programados; produção, a partir dos seminários, de materiais didáticos como textos ou mesmo uma vídeo-aula.</p>		
<p>Programa:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O ser, o nada, o devir e a realidade</li> <li>2. Objetos, propriedades, eventos, forças: universais e particulares</li> <li>3. Potências e possibilidades: metafísica e modalidade</li> <li>4. Tempo e perspectivas em ontologia</li> <li>5. As críticas à metafísica e o futuro da ontologia</li> </ol>		

Bibliografia básica:
----------------------

Título: Metafísica			
Autor: ARISTÓTELES	Local: São Paulo	Editor: Loyola	Ano: 2002
Título: Meditações de filosofia primeira			
Autor: René DESCARTES	Local: Campinas	Editor: Unicamp	Ano: 2004
Título: Breve tratado: de Deus, do homem, e do seu bem-estar			
Autor: Baruch ESPINOSA	Local: Belo Horizonte	Editor: Autêntica	Ano: 2012

Título: Discurso de metafísica e outros textos			
Autor: G. W. LEIBNIZ	Local: São Paulo	Editor: Martins Fontes	Ano: 2004
Título: Prolegômenos a toda metafísica futura			
Autor: Immanuel KANT	Local: Lisboa	Editor: Edições 70	Ano: 2008
Título: Diferença e repetição			
Autor: Gilles DELEUZE	Local: São Paulo	Editor: Graal	Ano: 2009

Bibliografia complementar:

Título: O ser e o evento			
Autor: Alain BADIOU	Local: Rio de Janeiro	Editor: Jorge Zahar	Ano: 2002
Título: Totalidade e infinito			
Autor: Emmanuel LÉVINAS	Local: Lisboa	Editor: Edições 70	Ano: 2008
Título: Os conceitos fundamentais da metafísica			
Autor: Martin HEIDEGGER	Local: Rio de Janeiro	Editor: Forense	Ano: 2011
Título: Ensaio de Teodiceia			
Autor: G. W. LEIBNIZ	Local: São Paulo	Editor: Est. Liberdade	Ano: 2006
Título: Universals: An opinionated introduction			
Autor: David ARMSTRONG	Local: Boulder	Editor: Westview	Ano: 1989